



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS, AMBIENTAIS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM BIOLOGIA**

MANOELA DE JESUS PINHEIRO FERREIRA

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO COM
ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE - BA**

Cruz das Almas – BA
2017

MANOELA DE JESUS PINHEIRO FERREIRA

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO COM
ESTUDANTES E PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO
MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE - BA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Biologia do Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas (CCAAB) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Orientadora: Professora Dr^a Rosilda Arruda Ferreira

Cruz das Almas – BA
2017

MANOELA DE JESUS PINHEIRO FERREIRA

**SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: ESTUDO COM ESTUDANTES E
PROFESSORES DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE SÃO FELIPE -
BA**

Monografia apresentada ao Centro de Ciências Agrárias, Ambientais e Biológicas da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Biologia.

Banca examinadora:

Dra. Rosilda Arruda Ferreira UFRB/CCAAB
Doutora em Educação UFSCAR/SP

Dra. Rosineide Pereira Mubarack Garcia UFRB/CCAAB
Doutora em Educação – UFBA/BA

Dra. Luiza Olívia Ramos Lacerda – UFRB/CCAAB
Doutora em Educação – UFBA/BA

Cruz das Almas - BA
2017

O começo de todas as ciências é o espanto
de as coisas serem o que são.

(ARISTÓTELES)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por durante a minha caminhada ter me concedido sabedoria, força, coragem e perseverança em meio a tantas dificuldades.

A professora Rosilda Arruda que me ajudou e me ensinou com suas valiosas orientações sempre paciente, dedicada e atenciosa com o meu Trabalho de Conclusão de Curso em todos os momentos, mostrando-me que sou capaz de vencer qualquer obstáculo na busca dos meus sonhos e objetivos.

A todos os professores do curso de Licenciatura em Biologia da UFRB pela dedicação e incentivo que me deram durante minha formação acadêmica.

Ao meu esposo, companheiro e amigo de todas as horas, Jairo Ferreira, pelo amor e incentivo.

A minha mãe, Maria do Carmo por ser guerreira e servir de inspiração para mim.

Meu pai Manoel, para mim um herói e batalhador, que sempre acreditou no sucesso de minha jornada acadêmica.

As minhas irmãs Milena e Mileide pelo amor incentivo que sempre me deram nas horas mais difíceis

Aos colegas da turma especialmente Luziane, Nayara, Sandna, Claudia, Manuela, Laís e Priscila que sempre estiveram próximas e solidárias em meus momentos de dificuldade.

A todos, o meu muito obrigado!

RESUMO

FERREIRA, Manoela de Jesus Pinheiro. **Sexualidade no ambiente escolar**: um estudo com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe - BA. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas-BA, 2017 (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientadora: Rosilda Arruda Ferreira.

O presente trabalho de pesquisa, intitulado "Sexualidade no ambiente escolar: um estudo com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe - BA", teve como objetivo geral analisar e as formas como os professores tratam a temática da sexualidade nas aulas de ciências atendem aos interesses e dúvidas dos alunos. Como objetivos específicos à pesquisa pretendeu traçar o perfil do professor participante da pesquisa; verificar como são abordados os assuntos relacionados à sexualidade pelo professor de ciências e apreender as percepções dos alunos sobre o tratamento dado ao tema da sexualidade na sala de aula. O presente estudo foi elaborado a partir de dados bibliográficos e de pesquisa de campo, contando com a utilização de dois procedimentos metodológicos: análise documental e aplicação de questionários. Como sujeitos da pesquisa foram considerados os professores que ministram aulas na disciplina de ciências na escola e os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do turno matutino. Os resultados do estudo demonstraram que lacunas ainda precisam ser preenchidas no que se refere ao ensino e discussão da temática sexualidade no ambiente escolar. Na escola pesquisada, o estudo apontou que o ensino de ciências ainda é marcado por uma perspectiva que reduz o tema da sexualidade as questões que tradicionalmente são tratadas no livro didático voltadas para temas tais como: aparelho reprodutor, gravidez e DSTs.

Palavras-chave: Sexualidade; Práticas Pedagógicas; Ensino de Ciências.

ABSTRACT

FERREIRA, Manoela de Jesus Pinheiro. **Sexuality in the school environment: a study with students and teachers of a public school in the municipality of São Felipe - BA.** Federal University of the Recôncavo of Bahia, Cruz das Almas-BA, 2017 (Course Completion Work). Advisor: Rosilda Arruda Ferreira.

The present study, entitled "Sexuality in the school environment: a study with students and teachers of a public school in the city of São Felipe - BA", had as general objective to analyze the learning teaching form used in the subject of science on the subject Of sexuality and whether they meet the interests and doubts of the students. As specific objectives the research aimed to trace profile of the participant teacher; To verify how subjects related to sexuality are approached by the science teacher; Understand the students' perceptions about the treatment of the topic of sexuality in the classroom. The present study was based on bibliographical and field research data, using two methodological procedures: documentary analysis and questionnaires. As subjects of the research were considered the teachers who teach classes in the science discipline in the school and the students of the 7th year of the morning shift. The results of the study showed that gaps still need to be filled when it comes to teaching and discussing the issue of sexuality in the school environment. In the researched school, the study pointed out that science education is still marked by a perspective that reduces the subject of sexuality issues traditionally addressed in the textbook focused on themes such as: reproductive tract, pregnancy and STDs.

Key word: Sexuality; Pedagogical practices; Science teaching.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Faixa etária e sexo dos alunos.....	40
------------------------------------------------------	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Forma como aparece o tema da sexualidade no livro didático.....	43
Figura 2: O tema homossexualidade apresentado pelo livro didático.....	44
Figura 3: Informação sobre sexualidade	50

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Escolaridade dos pais.....	40
Gráfico 2: Concepções de sexualidade.....	46
Gráfico 3: Temas sobre sexualidade que despertam interesse nas alunas e alunos	48
Gráfico 4: Participação dos alunos nas discussões sobre sexualidade	53
Gráfico 5: Frequência em que a temática sexualidade é abordada na escola	54

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome)
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
MEC	Ministério da Educação
OMS	Organização Mundial da Saúde
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 CONCEITO DE SEXUALIDADE	16
2 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR	21
3 SEXUALIDADE, ENSINO DE CIÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES	26
3.1 SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS	26
3.2 PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE CIÊNCIAS	30
4 METODOLOGIA	33
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	33
4.2 LOCAL DO ESTUDO	33
4.3 SUJEITOS DA PESQUISA	34
4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	34
4.5 ANÁLISE DE DADOS	35
5 SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E O QUE DIZEM PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O TEMA	37
5.1 PERFIL DA INSTITUIÇÃO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA	38
5.2 O TEMA SEXUALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO	42
5.3 CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE	45
5.4 PRINCIPAIS INTERESSES E DÚVIDAS DOS ALUNOS SOBRE SEXUALIDADE	47
5.5 CONTEÚDOS ABORDADOS	54
5.6 O PROFESSOR FRENTE AO TEMA	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICES	68
APÊNDICE A -	69
APÊNDICE B -	71
APÊNDICE C -	73
APÊNDICE D -	74
APÊNDICE E -	76
APÊNDICE F -	78

INTRODUÇÃO

A sexualidade é algo que integra a vida humana, pois está presente desde o nascimento até a morte, sendo elemento indissociável da personalidade que se apresenta de forma singular em cada indivíduo.

Ao longo da história, sempre houve confrontos do homem com as questões referentes à sexualidade que nada mais é, do que a inevitável vivência do corpo. Que se manifesta em todas as fases da vida e, ao contrário do que é suposto em um pensamento mais restrito ou na conceituação do senso comum, não se limita ao nível físico da genitália masculina e feminina, mas, apenas se enquadra na genitalidade um de seus aspectos.

Nesse contexto, o termo sexualidade pode ser percebido em diferentes sentidos, nos aspectos biológicos que se acentua pelas diferenças anatômicas e funcionais entre os gêneros masculino e feminino e nos aspectos psicológicos e socioculturais.

Em consonância com as transformações do processo de civilização, a forma de compreender a sexualidade vai ao longo dos tempos se modificando. E dessa forma, desde que passou a ter consciência sobre o próprio eu, os seres humanos passaram a se auto avaliar e a censurar alguns comportamentos ligados à vivência da sexualidade.

Uma imagem conflituosa em torno da sexualidade humana foi sendo construída culturalmente. A influência religiosa e a transmissão de ideologias que compreendem a sexualidade como pecado, repreendendo e delimitando-a apenas ao ato sexual no casamento e para a finalidade de reprodução, contribuiu significativamente para essa visão negativa de tudo o que se refira à sexualidade fora dessas referências.

Apesar dos avanços tecnológicos, midiáticos e do livre acesso às informações, falar sobre sexualidade, ainda hoje, significa enfrentar tabus e buscar o rompimento de paradigmas e preconceitos, exigindo dos professores promover na sala de aula a refletir sobre o sentido do que é atribuído ao termo sexual.

Por ser um assunto marcado por concepções relacionadas à obscenidade, a algo pecaminoso e proibido, a sua discussão foi negada ou silenciada nos processos educacionais. Essa situação fortaleceu mitos e tabus, dificultando o acesso a

orientações que poderiam contribuir para a promoção da vivência da sexualidade de forma mais saudável.

Frente ao exposto, podemos afirmar que para compreender as concepções que cercam a temática da sexualidade no geral, e do seu tratamento de forma específica na educação formal, é necessário discutir processos históricos, políticos e sociais, além de considerar a importante influência que o Estado e a mídia possuem na moldagem da formação sexual dos alunos.

Os recursos midiáticos expõem assuntos relacionados à sexualidade e ao sexo propriamente dito abertamente, no entanto, a escola parece ter dificuldade de abordar a temática da sexualidade em sua totalidade, ou seja, abrangendo as várias faces que representa esse tema.

Essa é uma questão relevante a ser tratada pela escola, principalmente se considerarmos que seus alunos, principalmente durante a fase da adolescência, passam por mudanças anatômicas expressivas do corpo e adquirem novas características sexuais tanto de ordem física, como também psicológica. Vale destacar que, inclusive, a matriz curricular das escolas básicas prevê, em geral, para o 4º Ciclo do Ensino Fundamental, no ensino da disciplina de ciências, o conteúdo Aparelho Reprodutor Masculino e Feminino.

Considerando a forma como é apresentado os assuntos relacionados a sexualidade nos livros didáticos disponibilizados na rede pública de ensino básico o tema sexualidade, geralmente está mais voltado para o aspecto das estruturas anatômicas e para o funcionamento dos sistemas de reprodução.

Além disso, como uma receita pronta, fala-se do uso da camisinha e métodos contraceptivos como forma de salvação para gravidez precoce e indesejada e Doenças Sexualmente Transmissíveis sempre com entonação de negatividade para a vivência da sexualidade e sem grande abrangência das múltiplas vertentes que o tema envolve.

O fato é que na adolescência, faixa etária em que estão os alunos que frequentam o segundo ciclo do Ensino Fundamental, torna-se necessário tratar informações sobre a funcionalidade do corpo na ordem anatômica fisiológica, mas também interacional. Conforme Talomani (2008) a adolescência pode ocasionar conflitos para o jovem que, nesta fase do desenvolvimento, busca a formação de

uma identidade e a vivência do corpo, nesse processo, oferece suportes fundamentais para a constituição da identidade pessoal.

Durante a adolescência se desenvolvem aptidões sexuais, ou seja, torna-se aguçada a necessidade de descobrir sobre o próprio corpo e viver experiências sexuais. Neste sentido, a escola, enquanto instituição formativa, precisa estar instrumentalizada para dar suporte à formação pessoal, ética e social dos alunos adolescentes, o que exige que ela esteja preparada para. Ultrapassar as teorias meramente biologicistas que discutem sexualidade apenas sob o aspecto anatômico e fisiológico.

A partir do exposto, entendemos que a escola deve ser um espaço de debate e aprendizado sobre sexualidade, visando promover a autonomia e o conhecimento do estudante sobre o seu corpo e sobre a vida em um ensino contextualizado e interdisciplinar.

Assim, trabalhar as questões sobre sexualidade é algo pertinente não somente ao professor de ciências, mas também a todos os outros profissionais que precisam desenvolver capacidade para tal, ou seja, buscar conhecer a temática e realizar estratégias e linguagem adequadas para mediar debates e promover reflexões entre os alunos. Todavia, por ser o componente curricular de ciências o responsável por ministrar conteúdos relacionados aos órgãos e sistemas do corpo humano, da esfera biológica, do sistema de reprodução, é geralmente atribuído a essa área do conhecimento a responsabilidade do trabalho com a temática sexualidade, e por isso o foco de nosso estudo voltar-se para o professor de ciências.

Frente ao exposto, entendemos que está é uma pesquisa relevante na medida em que pretende elaborar reflexões sobre a forma como os professores de ciências estão tratando esta temática no tocante aos conteúdos relacionados à sexualidade, destacando-se aqueles sobre a vivência do corpo e do gênero.

De acordo com Altmann (2003) a inserção dos assuntos referentes à sexualidade no âmbito escolar atende as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) na forma de tema transversal, a partir de 1996. De acordo com esse documento, os temas transversais são temas ligados a problemas da vida social e contemplam dentre outros a orientação sexual, o que dá ainda maior relevância ao estudo proposto.

O interesse pelo tema surgiu durante o período dos estágios e, em função da preocupação com o papel da escola frente à constatação de que a

iniciação sexual torna-se cada vez mais precoce entre adolescentes, tornando altos os índices de gravidez na adolescência e de contágio de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) entre pessoas cada vez mais jovens, além das diversas identidades de gênero existentes, bem como dos altos índices de violência cometidas pela intolerância às diferenças sexuais que se promovem pelo preconceito e geram tensões relativas à opção sexual dos adolescentes, aspectos que tem sido cada vez mais presentes no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, o estudo busca responder a seguinte questão: **O tratamento dado à temática da sexualidade na disciplina de ciências, responde aos interesses e dúvidas dos alunos do Ensino Fundamental?**

Assim, a pesquisa teve como **objetivo geral** analisar se as formas como os professores tratam a temática da sexualidade nas aulas de ciências atendem aos interesses e dúvidas dos alunos. E como **objetivos específicos à pesquisa buscou**: traçar o perfil do professor de ciências participante da pesquisa; verificar como são abordados os assuntos relacionados à sexualidade pelo professor de ciências; apreender as percepções dos alunos sobre o tratamento dado ao tema da sexualidade na sala de aula.

O estudo se justifica por preencher lacunas existentes sobre a temática da sexualidade, colaborar com melhorias na capacitação dos profissionais docentes especialmente aqueles dedicados ao componente curricular de ciências. E Dessa maneira, contribuir para o saber sobre as práticas docentes, com destaque para o processo de ensino aprendizagem na disciplina de ciência no que se refere à temática da sexualidade, fazendo referência à proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) que sugerem uma docência que busque conhecer as dúvidas dos alunos, mostrando que a sexualidade não se limita apenas a divisão de gêneros ou ao ato sexual.

Além disso, é preciso considerar que se afirma, cada vez mais, a responsabilidade da escola de discutir a temática sexualidade, tendo em vista a forma como as diversas mídias (televisivas, redes sociais entre outras), vem tratando o assunto, bem como, as dificuldades de diálogo sobre os assuntos referentes à sexualidade dentro das famílias. O que nos leva a destacar a importância da escola que pode contribuir para promover uma educação sexual segura e capaz de formar para a vivência dos adolescentes da sua sexualidade nas diversas dimensões.

1 CONCEITO DE SEXUALIDADE

Sexualidade é um tema complexo e de difícil conceituação. Assunto que de maneira não incomum, tem sido reduzido apenas ao universo de reprodução e órgãos genitais. Nessa perspectiva, este capítulo tem por objetivo apresentar os conceitos de sexo, sexualidade e gênero nas teorias contemporâneas, sua evolução histórica, articulação com as relações de gênero, além de elaborar sobre os tabus constituídos ao longo do tempo sobre o tema sexualidade.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define sexualidade como "uma energia que nos motiva a procurar Amor, contato, ternura, intimidade, que se integra no modo como nos sentimos, movemos tocamos e somos tocados; É ser-se sensual e ao mesmo tempo sexual; ela influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, e por isso influencia também a nossa Saúde física e mental. Conforme indicado nessa conceituação, a temática abrange diversos aspectos da vida humana, que vão desde a estrutura física a mental, podendo acrescentar também a dimensão social que o tema alcança.

Foucault (2015), ao apresentar a história da sexualidade e suas nuances, faz uma crítica à equivocada concepção de sexualidade quando se apresenta de forma restrita e analisada apenas referindo-se aos sexos masculino e feminino ou a algo que esteja ligado à reprodução. Definida por Foucault como uma construção social, o autor aponta as diversas formas de repressão que são historicamente impostas à sexualidade quando a tratamos de forma mais ampla.

Nessa perspectiva, segundo o autor:

A história da sexualidade se quisermos centrá-la nos mecanismos de repressão, supõe duas rupturas. Uma no decorrer do século XVII: nascimento das grandes proibições, valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, imperativos de decência, esquivas obrigatórias do corpo, contenção e pudores imperativos da linguagem; a outra, no século XX; menos ruptura, aliás, do que inflexão da curva: é o momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passar-se-ia das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extramatrimoniais; a desqualificação dos perversos teria sido atenuada e, sua condenação pela lei, eliminada em parte; teriam sido eliminados em grande parte os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças. (FOUCAULT, 2015, p. 109).

Embora tenha havido evolução em relação ao tratamento da temática, ainda segundo o autor, ocorre atualmente à expressão de uma nova moral sexual, um novo discurso sobre sexualidade. Discurso mais permissivo, mas que se camufla por ser uma nova forma de poder. Permite-se falar mais sobre sexualidade, mas esta continua tão reprimida e conservadora quanto no século XIX (FOUCAULT, 2015).

Nessa perspectiva, ao considerarmos os tabus que giram em torno da temática sexualidade, percebemos também os reflexos negativos que esses tabus, historicamente construídos, têm na vida dos indivíduos, inclusive dos adolescentes que estão em fase de escolarização.

Os tabus criados em torno da abordagem sobre sexualidade, confere aos adolescentes alguns prejuízos. Sobre isso Durand (2002 *apud* Altmann, 2005) aponta a influência determinante das percepções sobre o risco da sexualidade e sobre a adoção de práticas preventivas, englobando a prevenção à gravidez e à AIDS, como aspectos predominantes quando se trata da sexualidade com os adolescentes, o que leva a uma focalização do tema sobre uma única perspectiva.

A contracepção e sexualidade ao serem considerados temas tabus nas famílias de alguns jovens, assim como nos demais grupos sociais, encaminham os adolescentes para a falta de informação. Nesse sentido, a falta de informação, ou a informação parcial, afeta sua percepção de que essa questão não lhes diz respeito. Por outro lado, essa informação não é por si só suficiente. Mesmo que os adolescentes estejam informados sobre a contracepção, o sentimento de —ilegitimidade de uma sexualidade não reconhecida em seu meio pode criar obstáculos para o acesso à contracepção e afetar negativamente sua prática contraceptiva (DURAND, 2002 *apud* ALTMANN, 2005).

A invisibilidade da sexualidade dos adolescentes, ou o foco sobre a gravidez e a transmissão de doenças, mencionada acima, tende a inviabilizar outros temas importantes relacionados à sexualidade que se referem à homossexualidade, relações de gênero, além da dicotomia masculino e feminino.

Nesse sentido, cita-se Louro (2008), que adotou a mesma ótica de Foucault (2015) ao conceituar a sexualidade também como uma construção social. Para a autora, o tema sexualidade é consecutivamente tratado de maneira complementar a gênero ou vice-versa. Assim, é importante destacar que gênero e sexualidade são construídos a partir das práticas e aprendizagens que são empreendidas por um conjunto de instâncias sociais e culturais, de modo claro ou implícito, mas num

processo inacabado. As normas culturais assentadas a estes significados, ainda que sejam reiteradas por várias instâncias, é perceptível que, hoje, existem diversos modos de compreender, dar sentido e viver os gêneros e a sexualidade (LOURO 2008).

Indissociável da sexualidade, numa esfera biológica, social e psíquica, o significado da palavra gênero pode ter diversas atribuições. No sentido da sexualidade, a definição de gênero se refere à classificação do ser humano no sentido biológico que pode ser feminino ou masculino. Os aspectos biológicos podem contribuir para a desigualdade entre gêneros, pois é confirmado que há uma construção social e histórica sobre as características anatômicas de homens e mulheres.

No que se refere ao uso mais recente da palavra, o gênero parece ter aparecido primeiro entre as feministas americanas que queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual, destacando o aspecto relacional das definições normativas das feminilidades. Ou seja, o interesse em se estudar gênero originou-se a partir de insatisfações das feministas ao que se refere à opressão que sofria o gênero feminino (SCOTT, 1989).

Na atual conjuntura social, o gênero serve para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado com relação à sexualidade. No entanto, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que se refere ao sexo, já se age de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual se interage. Na verdade, em todas as sociedades do planeta, o gênero está, a todo o tempo, ganhando novos significados pelas interações concretas entre indivíduos do sexo masculino e feminino. Por isso, diz-se que o gênero é mutável (GROSSI, 2000).

Atrelado ao significado de gênero, a identidade de gênero refere-se ao reconhecimento da própria pessoa com um determinado gênero, independente de ser seu gênero biológico ou não, e nosso reconhecimento dentro dos padrões de gênero são estabelecidos socialmente, tornando-se necessário considerar a concepção moderna do sujeito, referindo-se a como este se representa ou é representado socioculturalmente (SILVA, 2015).

Louro (1997) reforça essa ideia ao apontar que embora grande parte das mulheres se reconheçam no gênero feminino, assim como muitos homens se reconheçam como gênero masculino, torna-se necessário não anular as pessoas que se reconheça no sexo ou gênero oposto, demonstrando outro papel social de gênero ao que fora historicamente e socialmente construído.

Papel social de gênero são os comportamentos associados ao masculino ou feminino nos grupos sociais. Papel pode ser aqui entendido no mesmo sentido que se usa no teatro, ou seja, uma representação de um personagem. São as representações sociais de gênero, tudo aquilo que é associado ao sexo biológico fêmea ou macho em determinada cultura é considerado papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra (GROSSI, 2000).

Ao que se refere ao tema homossexualidade, as discussões envolvidas a este tema são predominantemente negativas, podendo-se considerar a homossexualidade o tabu dos tabus. Conforme aponta Foucault (1984), em estudo desenvolvido sobre a sexualidade humana, historicamente a homossexualidade adota conceitos que vão desde justificativas para o ato, até problemas relacionados à esfera psicológica e/ou psiquiátrica, adotando termos como "hermafroditismo psíquico" para se referir à homossexualidade; ou prática de pecado, ao caracterizá-la como sodomia. Ou seja, a nomenclatura em si apresenta historicamente uma série de significados negativos, como comprova Foucault (2015):

A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androgenia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2015, p. 42 e 43).

Conforme apresentado, a homossexualidade, ao ser historicamente subjulgada, tratada como anormal e não natural aos indivíduos, fez com que a temática ao ser abordada, hoje, traga consigo uma série de significados e resistências, pois são conceitos que, embora equivocados, se enraizaram na sociedade e são desconstruídos minimamente, de maneira quase invisível.

É com o intuito de enfrentar essas questões que o Ministério da Educação destaca a importância de debater as questões referentes à sexualidade de forma abrangente, para que possa alcançar aos alunos de maneira que contemple a todos eles, em suas individualidades e afinidades.

Nas questões mais diretamente ligadas à sexualidade humana, a perspectiva de gênero está inevitavelmente presente. É preciso até fazer esforço para poder ignorá-la. O que esta proposta pretende é que se aborde, o tempo todo, a perspectiva de gênero nas relações, na vivência da sexualidade, explicitando e buscando formas mais criativas nos relacionamentos sexuais e amorosos (BRASIL, 95/014, p. 325).

Numa esfera educacional, a sexualidade é definida como algo inerente à vida e à saúde que se expressa no ser humano do nascimento até a morte. Relaciona-se com o exercício da sexualidade de forma responsável e com o direito ao prazer. Engloba diversos aspectos: relações de gênero, respeito a si mesmo e ao outro, à diversidade de crenças, valores e manifestações culturais que existem em uma sociedade plural e democrática. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/AIDS e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda enraizados na conjuntura sociocultural (BRASIL, 95/014).

Percebe-se que as definições apontadas colocam em destaque as interações sociais que envolvem os diversos temas referidos à sexualidade, o que exige um maior conhecimento sobre como essas temáticas têm sido abordadas no ambiente escolar e como esse processo tem sido percebido pelos estudantes considerando a relevância dessas abordagens feitas na escola. Nesse contexto, se a escola tem o intuito de ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando ampliar o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano (BRASIL, 95/014).

2 SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR

Durante todo o desenvolvimento humano, a sexualidade é uma extensão das relações interpessoais e humanas do indivíduo, conforme aponta Beauvoir (1970, p.26) [...] nas formas mais complexas da vida, a sexualidade é uma função indispensável. Portanto, entendendo que a sexualidade é algo que acompanha o indivíduo em todos seus processos de socialização (tanto primária como secundária), este capítulo visa abordar sobre sexualidade e educação tratando da forma como somos educados de uma maneira geral sobre as questões da sexualidade e como isso ocorre na escola, considerando sua forma de organização que tem, na maioria das vezes, desconsiderado a diversidade, e tornado invisíveis às identidades e as individualidades dos estudantes.

No decorrer do processo de desenvolvimento da sexualidade, as crianças e jovens começam a adquirir conhecimentos, sobre o corpo humano, as relações íntimas e os valores e atitudes relacionados com a sexualidade. Este desenvolvimento constrói-se a partir da socialização na qual podemos distinguir dois tipos de fontes de aprendizagem no domínio da sexualidade: as formais e as informais.

No início do desenvolvimento da criança, as fontes mais importantes são as informais, como os pais, enquanto o recurso a fontes formais como profissionais de saúde ou os professores tem lugar, habitualmente, quando existe um problema. O recurso a ambas as fontes é essencial porque as crianças e os jovens precisam de apoio, amor e espaço, mas também de informação consistente e específica, conhecimentos, atitudes e competências que são mais facilmente adquiridas pelo recurso a fontes formais, como os profissionais de saúde ou os professores (WHO, 2010 *apud* BELO, 2012).

Portanto, conforme demonstrado, a educação sexual (de maneira formal ou informal) acontece na vida do indivíduo em diversas dimensões. Contudo, torna-se necessário que as informações acerca do tema sexualidade sejam passadas às crianças e adolescentes de forma responsável, com informações corretas e que atuem no sentido de educa-los nessa área.

Ao analisarmos historicamente e considerarmos algumas características das sociedades, de maneira geral, pode-se perceber, que embora vivamos em um mundo considerado pós-moderno, os reflexos de uma sociedade ainda religiosa,

patriarcal, heteronormativa, em que quaisquer manifestações contrárias a essas características ganham uma repercussão negativa e atinge os padrões normativos' quase que como uma agressão, ainda são muito fortes. Os assuntos ligados à sexualidade tendem a ser limitadamente discutidos, justamente pelas sociedades adotarem formas de não "ferirem" esses padrões acima listados.

Nesse contexto, a escola adota essas mesmas concepções e se fecha quando, na verdade, deveria tratar desses assuntos em seus conteúdos programáticos e em seu cotidiano. Percebe-se, no entanto, a falta de discussão acerca do tema, além do distanciamento entre escola, sexualidade e ensino.

Embora a preocupação com a sexualidade aparenta estar presente em todos os dispositivos de escolarização, a mesma geralmente não é apresentada de forma clara. Não é raro observar professores e dirigentes saindo pela tangente ao se tratar de sexualidade, afirmando que a escola não precisa se preocupar com este assunto, pois sua instituição está imune a esta discussão, ou ainda, julgar ser responsabilidade da família tratar sobre este assunto (LOURO, 1997).

Dessa perspectiva, quando o tema é tratado como conteúdo escolar, o reconhecimento do órgão reprodutor passa a ser o assunto mais abordado sobre sexualidade nas escolas. Este faz parte do conteúdo e está presente nos livros didáticos sem margens para maiores abordagens e explicações. Mas ao que se refere à sexualidade, no sentido mais amplo, de acordo com Pinto (1997, p. 43), [...] as propostas de educação parecem patinar, não conseguindo se impor.

Sobre essa questão, a autora afirma que a partir da observação do cotidiano escolar percebe-se que a instituição escolar entre nós, de maneira geral, é tão hostil às manifestações da individualidade quanto às da sexualidade. Essa indiferença ocorre desde a base escolar, nos anos iniciais em que os indivíduos constituem os alicerces do *eu* até os anos pubertários e juvenis em que as amplia e fortalece. As instituições atuais, portanto, nos fazem lembrar as instituições tradicionais: uniformes, filas, horários impessoais para realizar todas as atividades, ausência ou indução de objetos pessoais, a mediação permanente do adulto que distribui, sempre de maneira impessoal, material lúdico e de trabalho. Espaços vazios, impessoais, neutros ainda prevalecem no ambiente escolar. (PINTO, 1997).

No entanto, se for adotado nas escolas a prática de introduzir a educação sexual, muitos objetivos poderiam ser alcançados, como indica Sayão:

O jovem pode sim ter uma visão positiva da sexualidade, além dos conhecimentos relativos ao funcionamento do corpo, ao processo reprodutivo e aos riscos de contrair e transmitir doenças. Essa visão supõe também responsabilidade, alegria, prazer e limites. Valores, conceitos e preconceitos. Medos, receios, repressões e inibições. Pressões pessoais, familiares, sociais. Fantasias e sonhos. Desejos expressos, escondidos, censurados e proibidos. Vontade de saber, de fazer, de experimentar. Emoções, sensações, sentimentos, relacionamentos, frustrações e tabus (SAYÃO, 1997, p. 105).

Nesse contexto, torna-se necessário distanciar-se de alguns estereótipos presentes na sociedade ou alguns discursos do tipo: sexualidade é um assunto unicamente ligado às meninas, elas que precisam saber, que precisam se prevenir; ou resistências do tipo: —essas não são coisas que você deve aprender na escola, —é papel da família atualizá-los sobre tal informação, concentrando a responsabilidade em apenas um grupo ou a apenas algumas pessoas. Caso contrário, práticas conduzidas por essa perspectiva tonarão o resultado da aprendizagem insatisfatório para os objetivos que se pretende alcançar com a mesma. Nesse sentido, Louro defende que:

[...] é indispensável que nos demos conta de que as preocupações e a vigilância em relação à sexualidade não se restringem às alunas, nem mesmo apenas aos alunos, mas todas as pessoas (inclusive aos adultos) que convivem na escola (LOURO, 1997, p. 80).

O que é reafirmado por Sayão (1997, p. 101) ao apontar que [...] a parceria da escola com os pais é fundamental para que os esclarecimentos possam fluir tranquilamente, sem provocar grandes terremotos.

Falar sobre sexualidade é falar sobre algo que envolve os alunos e suas relações também dentro das escolas:

As questões referentes à sexualidade estão, queira-se ou não, na escola. Elas fazem parte das conversas dos/as estudantes, elas estão nos grafites dos banheiros, nas piadas e brincadeiras, nas aproximações afetivas, nos namoros; e não apenas aí, elas estão também de fato nas salas de aula — assumidamente ou não — nas falas e atitudes das professoras, dos professores e estudantes. (LOURO, 1997, p. 135)

A escola, como toda instituição, tem seu corpo de regras, quase nunca explícitas e compartilhadas por todos os seus representantes, a respeito dos.

comportamentos dos alunos que expressam a sexualidade. Como o assunto é incômodo, complexo e não faz parte do conteúdo obrigatório, raramente é discutido pelo grupo dos educadores. Com o objetivo de atender a esta demanda, cada professor faz o que pode. E o resultado é que, em geral, cada um age de acordo com sua experiência pessoal e disponibilidade, norteado, geralmente, por informações colhidas em breves cursos, palestras e leituras realizadas por interesse próprio, e a sempre presente boa intenção. (SAYÃO, 1997).

Nesse sentido, importa observar essas práticas para que elas não transmitam conteúdos errôneos e não influenciem uma aprendizagem equivocada. Além disso, é importante que estas práticas não reforcem ainda mais o sexismo, as limitações sobre o sexo/sexualidade que são nítidos em diversos grupos sociais dos quais fazemos parte, pois é preocupante perceber que profissionais observam/praticam essas ações e não vão de encontro a elas no sentido de desconstruir determinados conceitos já enraizados nas escolas.

É importante, também, que se promova nas instituições de ensino o reconhecimento das identidades de gênero dos alunos que não se identificam com os padrões de feminino e masculino que lhes são apresentados diariamente nas escolas, nas ruas, nas mídias etc. A educação indo ao encontro deste ideal pode possibilitar o preenchimento dos vazios, tornar os temas pessoais e eliminar a neutralidade dos mesmos.

Conforme Louro (1997), são dois os sexos, feminino e masculino. Ainda que muitas mulheres se reconheçam no gênero feminino e a maior parte dos homens se reconheçam no gênero masculino, não se anula as pessoas que se reconhecem no sexo ou gênero oposto. Isso não se refere à orientação sexual, a preferência sexual de cada pessoa, mas sim ao reconhecimento do ser com o sexo oposto, com o corpo contrário ao que lhe foi imposto socialmente.

É perceptível que as questões relacionadas a gênero são invisíveis para grande parte dos profissionais da educação que tendem a desconsiderar outras percepções de gênero, aquelas que vão além da concepção binária: feminino e masculino. A junção entre gênero, sexualidade, educação e o trabalho pedagógico no que se refere a transpor essas discussões de gênero para mais adiante do que uma simples concepção binária, ainda significa um desafio a ser ultrapassado.

Essa dicotomia de gênero é discutida por Louro ao afirmar que se há a pretensão de ultrapassarmos as questões que se referem e caracterizam a

dicotomia do gênero, precisamos reconhecer que muitas das observações, do material produzido sobre gênero e sexualidade, independente de serem provenientes de estudos e pesquisas ou do senso comum, se baseiam em concepções ou em teorias que consideram apenas dois universos opostos: o masculino e o feminino. Não sendo suficiente, também é evidente que a matriz que conduz essa dicotomia é, sob o ponto de vista da sexualidade, restritamente heterossexual (LOURO, 2000).

A escola como espaço democrático de conhecimento e convivência (pelo menos no sentido ideal) deve reconhecer nos alunos suas múltiplas identidades de gênero. O conhecimento transmitido para o aluno, independente da disciplina, deve ir no sentido de contribuir para que ele reconheça suas vivências/experiências no que se é trabalhado na escola. É importante também que o conhecimento disponibilizado seja compatível com o desenvolvimento/transformação da sexualidade do indivíduo. Esta, para Louro, não tem momento definido para acontecer e está sujeita a variação:

Não é possível fixar um momento seja esse o nascimento, a adolescência, ou a maturidade que possa ser tomado como aquele em que a identidade sexual e/ou a identidade de gênero seja "assentada" ou estabelecida. As identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação (LOURO, 2000, p.27).

O que se percebe, no entanto, é que quase sempre os alunos são conduzidos a se adaptarem, a se imaginarem nos padrões que são impostos pelas áreas do saber. Pelo exposto, observa-se o quão se torna necessário termos, nas instituições de ensino, o estudo sobre sexualidade atualizado e pautado nas concepções mais atuais e nos debates sobre o tema.

3 SEXUALIDADE, ENSINO DE CIÊNCIAS E PRÁTICAS DOCENTES

Neste capítulo serão discutidas questões relativas à forma como a temática da sexualidade pode ser tratada no ensino de ciências, e como os professores podem lidar com a questão na escola.

3.1 SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS

Como já mencionado, geralmente nas escolas, fica no encargo do professor que ministra aulas na disciplina de ciências tratar a temática sexualidade, porém, está é uma responsabilidade que deve ser compartilhada por todo corpo escolar.

Assim a discussão para inserir o ensino de sexualidade nas escolas como tema transversal que deve ser trabalhado nas diferentes áreas de conhecimento que compõem o currículo escolar não surgiu recentemente (VIANA, 2012). A elaboração dos PCNs veio nortear a forma de trabalhar a temática sexualidade. No entanto, há críticas em torno das orientações propostas neste documento oficial, por serem centralizadoras e hierarquizadas e não considerar as deficiências da formação docente e das condições estruturais, de um modo geral, para realizar a abordagem interdisciplinar da sexualidade nas escolas.

Com relação a essa questão, em conformidade com Moizés e Bueno (2009), bastaria um profissional ser bem informado sobre sexualidade humana, ter boas estratégias de informação e debate de ideias para que seja capaz de ensinar a pensar e refletir e para mediar discussões de assuntos sobre sexualidade. Porém, é comum que seja eleita o componente curricular de ciências naturais para trabalhar os conteúdos referentes à temática sexualidade.

Carvalho (2009) reforça essa ideia ao afirmar que na escola as abordagens sobre sexualidade ficam sobre encargo dos territórios do ensino de ciências e dos professores dessas disciplinas como locais e agentes responsáveis pelo debate e compreensão desta esfera da vida humana.

De acordo com os PCNs, praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais, porém, nas aulas sobre a reprodução humana, são destacadas informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades

nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as múltiplas dimensões da sexualidade.

Nesse sentido, Sayão (1997) aponta que, na escola, as informações sobre reprodução humana trabalhadas na disciplina de ciências ou biologia, quase sempre, não estão vinculadas à sexualidade. Na disciplina ciências ou biologia, um dos objetivos é o de o aluno conhecer a anatomia e a fisiologia do corpo humano.

O aparelho reprodutor é apresentado pela primeira vez para as crianças que cursam a terceira série do Ensino Fundamental. Nesse momento, o tema aparece na matriz curricular como conteúdo mínimo obrigatório a ser adotado. Dessa maneira, o aparelho reprodutor vai sendo apresentado cada vez com um número maior de informações e grau de complexidade, de tal modo que ao terminar o Ensino Médio o jovem deveria dominar perfeitamente o funcionamento desse aparelho (SAYÃO, 1997).

A realidade das escolas atualmente, em que o professor de ciências geralmente assume a responsabilidade pela educação sexual dos alunos adolescentes, é criticada por Oliveira, Brancaloneo e Souza (2013). Para os autores a problemática da sexualidade, enquanto tema transversal não é uma exclusividade do professor de ciências biológicas para abordagem em sala de aula, visto que é um elemento formativo essencial na vida dos estudantes. Portanto, uma responsabilidade de todo corpo docente e administrativo da escola.

Para explicar o porquê da escolha da área das ciências naturais na escola para assumir o ensino sobre sexualidade é possível pensar que isto tenha se dado em função da formação profissional dos professores que atuam nessa área de conhecimento que, em tese, o capacita para tal função, já que dentre os conteúdos programáticos que ele trabalha está o da reprodução humana. No entanto, na perspectiva de uma formação ético-política voltada à temática sexualidade, Gesser et. al. (2012) nos diz que esta formação deve contribuir para que os educadores não apenas se instrumentalizem cognitivamente, mas também reflitam sobre as expressões da sexualidade e aprendam a lidar de maneira coerente com as questões sexuais que emergem no cotidiano escolar. Mas, estudos sobre esse tema tem demonstrado que não é isso que vem acontecendo. (GESSER ET AL, 2012; SAYÃO, 1997).

Ao se pensar na formação dos alunos numa perspectiva crítica e reflexiva, torna-se necessário que o ensino de ciências, em sua fundamentação, estabeleça

uma relação constante entre a teoria e a prática, entre conhecimentos científicos e conhecimentos do senso comum, conforme situam Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2009). Ainda em conformidade com os autores citados, é necessário no ensino de ciência superar o senso comum pedagógico em que o docente apenas domina teorias científicas que se reduzem a um domínio de conceituações que caracterizam a ciência como um produto acabado e inquestionável que favorece o que os autores chamam de ciência morta.

Pensar nessa perspectiva, significa dizer, segundo Cachapuz et. al. (2011), que no ensino de ciências é importante o professor saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva, baseadas no modelo construtivista de ensino. Os professores devem olhar o currículo escolar não como um conjunto de conhecimentos a serem transmitidos, mas como um programa de atividades das quais se possa construir tais conhecimentos.

Com base nas perspectivas para o ensino de ciências, no tocante a temática da sexualidade e considerando o necessário processo de mediação do professor durante as aulas parece que não há receitas prontas para se construir um aprendizado pleno. Nesse sentido, em conformidade com Altman e Martins (2009) a grande questão é: Como intervir sem ser prescritivo, especialmente em sexualidade?

Além disso, recorrendo as ideias de Silvestre (2012), fica em evidência que, a escola encontra resistência dos alunos ao colocar em discussão a temática sexualidade, devido aos valores que eles recebem em casa e em outros ambientes da socialização secundária. Isso ocorre possivelmente em consequência dos valores socialmente construídos, carregados de preconceitos e tabus. No entanto, o docente deve explorar a variedade de opiniões dos estudantes que é valiosa e faz crescer o respeito, ampliando o universo de informações das alunas e alunos e contribuindo para a formação de suas próprias escolhas.

Prado (2010) afirma que nas ações educativas da temática sexualidade nas escolas é acionado um dispositivo de controle, ou seja, a compreensão que os alunos devem obter será sobre as estruturas e o funcionamento dos sistemas reprodutores masculino e feminino e sobre as consequências desastrosas que a prática sexual pode causar. Dessa forma, assuntos que podem ser considerados inapropriados para serem debatidos na escola envolvidos com a sexualidade são burlados, no entanto, esses são assuntos de grande interesse dos alunos.

No entanto, é importante considerar que muitos educadores ainda têm dificuldades em discutir sexualidade em suas aulas, por diversas razões, tais como: a não intimidade com o tema, suas próprias concepções, convicções e valores sobre a vida sexual, o que inclui também os valores morais e os preconceitos. Essas dificuldades assumem uma proporção maior quando os professores de ciências/biologias se deparam com as reações dos alunos ao assistirem as aulas sobre sexualidade: sorrisinhos maliciosos, piadinhas, burburinho geral, perguntas. As famosas perguntas indiscretas que ultrapassam o saber da biologia (SAYÃO, 1997).

Pensando no desenvolvimento da educação sexual nas salas de aula de ciências, Maia et. al. (2012) afirmam que deve ser um processo de educação intencional, sistemático, continuado e de intervenção e oferecer, além de informações científicas e biológicas, espaços de discussão que provoquem reflexões sobre tabus e preconceitos acerca da temática sexualidade.

Em conformidade com os PCNs (1998), deve-se desenvolver os processos de ensino na escola visando a mobilização de condições de forma que aconteçam aprendizagem significativa e, nesse sentido, é necessário que todos os estudos partam da perspectiva de que a vivência e a cultura dos estudantes estão relacionadas aos conteúdos trabalhados na escola. Sendo assim, a cultura e os conhecimentos do senso comum devem ser levados em consideração e servir como propulsores para que os assuntos referentes à sexualidade não sejam tratados de forma desconectada da realidade, como se essa área do conhecimento pudesse se descolar da vida cotidiana dos alunos.

Essa questão se torna ainda mais urgente se considerarmos que a iniciação da vida sexual dos adolescentes é cada vez mais precoce e a realidade da banalização do sexo é uma constante na sociedade atual, o que exige que na sua prática docente no ensino de ciência o professor coloque em discussão o tema da sexualidade pautado em conceitos éticos que delimite liberdade de expressão, autonomia e respeito ao mesmo tempo (MAIA et. al., 2012). Ainda em conformidade com o autor, a orientação sexual é fundamental para combater preconceitos e ideias construídas historicamente em torno dos assuntos relacionados à temática da sexualidade e para formar seres humanos conscientes das relações sociais a que estão submetidos, principalmente sendo estes formandos adolescentes.

No Ensino Fundamental II os alunos possuem geralmente faixa etária de idade que corresponde ao período da adolescência e nessa perspectiva o professor de ciências precisa estar atento a esta característica essencial do perfil dos alunos no momento de desenvolver atividades de educação sexual.

De acordo com Louro (2013), na adolescência é predominante o afloramento da sexualidade e a necessidade de estabelecimento de uma preferência sexual e os adolescentes tendem a testarem possibilidades. Essas experiências, é claro, não se dão apenas na fantasia, mas também de forma concreta com manipulações sexuais. Ou seja, alunos adolescentes estão em uma fase do desenvolvimento marcada pela necessidade de realizar descobertas e viver experiências sexuais.

Não adianta fingir que os adolescentes não estão expostos a produtos da mídia que vulgarizam o sexo ou até vivenciando práticas sexuais imprudentes.

Pensar em sexualidade é também pensar na complexidade que há em torno desta temática, pois envolve múltiplas dimensões. Nessa perspectiva segundo Pontes (2005), a sexualidade deve ser pensada como algo plenamente mutável quer em termos pessoais ou termos sociais e históricos que engloba não só fatores biológicos ou fisiológicos, mas também fatores emocionais, relacionais e sociais sendo regulamentada de maneira diferente em cada cultura.

Nesse sentido, Prado (2010) também afirma que tratar da temática sexualidade na escola, como já afirmamos ao longo deste trabalho, deve ir além das teorias biologicistas que nos direcionam apenas para os aspectos anatômicos e fisiológicos no discurso sobre sexualidade nas escolas. De acordo com o autor a abordagem do tema é um convite a diferentes discursos sobre o corpo, a cultura, expressões e sentimentos.

3.2 PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO DE CIÊNCIA

As aulas de ciência que tratam da temática da sexualidade devem ser pautadas na visão do professor sobre os aspectos anatômicos, fisiológicos e sociais dos alunos. Sendo assim, além das aulas deverem ser contextualizadas em função do perfil dos alunos também precisam estar em conformidade com aquilo que eles querem e precisam de fato aprender, pois, em concordância com Consenza e Guerra (2011), o ser humano é dotado de mecanismos que permitem selecionar as.

informações importantes, sendo capazes de focalizar a atenção, deixando de lado o que for dispensável.

Melucci (2007) considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamentos, construindo referência para suas ações. Para o autor, a maneira como a experiência do tempo é vivenciada depende de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais.

Trazendo para a realidade da ministragem da aula de ciências, o aluno adolescente deve ser apresentado a um ambiente envolvente, problematizador e contextualizado dessa forma, significativa para a sua aprendizagem. Além disso, —o cérebro humano possui uma motivação intrínseca e só está disposto a investir atenção naquilo que reconheçam como significativo. (CONSENZA e GUERRA, 2011).

A temática da sexualidade, por compreender polêmicas, mitos e preconceitos, incide transversalmente na área da educação. Nesse sentido e considerando as abordagens indicadas acima, no que se refere às práticas pedagógicas voltadas para o tema da sexualidade, considera-se importante o desenvolvimento de debates, abordagens e críticas sobre o tema, orientados pelo professor. O profissional da educação, necessita, contudo, estar preparado no sentido de atualizar-se nas temáticas para que tenha condições de conversar com os alunos - jovens com vontade de conhecimento, cheios de dúvidas, incertezas e angústias, relacionados à sexualidade (LIMA; ALMEIDA, 2010).

Sabe-se que ao longo da história várias teorias metodológicas foram propostas para o desenvolvimento da prática docente, visando alcançar melhor performance cognitiva dos alunos e garantir o êxito no aprendizado.

Neste sentido, um conceito que muito se tem ouvido falar no campo da docência é a prática construtivista que, à primeira vista, parece superar as demais abordagens de ensino. Porém Cachapuz et. al. (2011) questionam o que se tem entendido por posições construtivistas no ensino de ciências e sintetizam que a ideia de estudante como cientista é uma metáfora, pois não poderão por si só construir todos os conhecimentos científicos.

Nessa perspectiva Campos e Nigro (1999) mencionam a importância de valorização dos conhecimentos prévios, do conflito cognitivo e do ensino de ciência por investigação, pois provocam consistência e coerência das concepções científicas, mas, para o professor promover mudança conceitual nos alunos ele

deve objetivar uma mudança metodológica do assunto que esta sendo ensinado e aprendido, superar a metodologia das superficialidades, ou seja, não mudar somente o que se pensa, mas mudar como se pensa.

Em consonância com ideias construtivistas de ensino, Cachapuz et.al. (2011) discorre sobre a necessária de renovação no ensino de ciência e defendem a aplicabilidade de hipóteses como forma de abordagem problematizadora das temáticas durante as aulas.

Neste sentido, Hodson (1998) *apud* Cachapuz et. al. (2011) relata que a hipótese embasa a prática científica que se compõe de três fases: criação, validação e incorporação de conhecimentos novos e, nessa perspectiva, usar situações problemáticas e o levantamento de hipóteses clarifica, segundo os autores, o sentido da atividade reflexiva que estão sendo realizadas, ou seja, serve como guia para a investigação proposta que uma vez formulada terá duas vias possíveis: uma confirmação positiva ou negativa. E ainda com base nestes autores, a prática de ensino deve ser desenvolvida de forma organizada e colaborativa. Para isso, deve-se recorrer ao trabalho em equipes de investigação, pois se alguém se junta à equipe rapidamente alcança o nível médio do resto da equipe no tratamento de um problema.

E nesse contexto o professor pode liderar não apenas transmitindo verbalmente mais promovendo a investigação orientada junto às equipes, reforçando ou questionando os resultados parciais obtidos pelos alunos.

4 METODOLOGIA

Este capítulo objetiva caracterizar a pesquisa de acordo com o método utilizado para a abordagem da problemática, apresentar o local de estudo, os sujeitos da pesquisa, os instrumentos utilizados para coletas de dados e os aspectos éticos envolvidos.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa que buscou compreender: Qual o tratamento dado à temática sexualidade na disciplina de ciências no ambiente escolar e se responde as dúvidas e interesse dos alunos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2014):

A pesquisa pode ser considerada um procedimento formal com método de pensamento reflexivo que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para se conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais (MARCONI e LAKATOS, 2014, p. 43).

Nesse sentido, o método utilizado para concretização do trabalho foi uma pesquisa do tipo qualitativa, permitindo melhor compreensão sobre as percepções dos sujeitos da pesquisa e das fontes investigadas.

O método utilizado envolve fatores que vão desde a natureza da coleta dos dados até a definição da amostra, além dos instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que auxiliam e dão base a investigação. Esse processo pode ser definido como um encadeamento de atividades, que envolvem desde a redução dos dados como a classificação dessas informações, até sua interpretação e a composição do relatório (GIL, 2002).

4.2 LOCAL DO ESTUDO

A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública de administração municipal, localizada no centro da cidade de São Felipe – BA. A escola funciona atualmente em três turnos que atendem aproximadamente 650 alunos divididos em 19 turmas. No diurno é ofertado do 6º ao 9º ano, enquanto que no noturno são turmas regulares (7º e 9º ano) e turmas do Segmento II da Educação de Jovens e Adultos.

4.3 SUJEITOS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada com 37 (trinta e sete) alunos, de duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II, do turno matutino; uma professora e um professor que ministram as aulas de ciências para as respectivas turmas, que se caracterizam os sujeitos da pesquisa. O sujeito que, de acordo (MARCONI e LAKATOS, 2014, p.45) "(...) é a realidade a respeito da qual se deseja saber alguma coisa. É o universo de referência".

De acordo com (GERHARDT e SILVEIRA, 2009. p. 11), "O conhecimento humano caracteriza-se pela relação estabelecida entre o sujeito e o objeto, podendo-se dizer que esta é uma relação de apropriação". De modo que deve-se articular um vínculo entre o objeto e a subjetividade do sujeito presentes na análise.

Como fontes de dados para tal investigação foram utilizadas as análises dos questionários direcionados aos alunos e professores, bem como a análise do livro didático adotado pela escola para a disciplina de ciências do 8º ano (Projeto Teláris - Ciências nosso corpo), e o Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada.

4.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para a realização da pesquisa foram aplicados dois questionários semiestruturados específicos, um para os professores (Apêndice A) e outro para as alunas e alunos (Apêndice B).

De acordo com Marconi e Lakatos (2003), o questionário é um instrumento de coleta de dados, que se constitui por uma série ordenada, que devem ser respondidas na forma escrita e sem a presença do pesquisador/entrevistador. O questionário pode ser enviado por diversos meios ao informante, desde correios, por um portador; após preenchido o entrevistado/pesquisado deve devolvê-lo do mesmo modo.

Os questionários foram divididos em três blocos de questões direcionadas com a finalidade de alcançar os objetivos específicos. A elaboração de um questionário incide fundamentalmente em traduzir os objetivos específicos da pesquisa em itens bem redigidos (GIL, 2002).

A escolha deste instrumento deu-se justamente pelas vantagens que são conferidas ao método, conforme Marconi e Lakatos (2003):

- a) Economiza tempo, viagens e obtém grande número de dados.
- b) Atinge maior número de pessoas simultaneamente.
- c) Abrange uma área geográfica mais ampla.
- d) Economiza pessoal, tanto em adestramento quanto em trabalho de campo.
- e) Obtém respostas mais rápidas e mais precisas.
- f) Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato.
- g) Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas.
- h) Há menos risco de distorção, pela não influência do pesquisador.
- i) Há mais tempo para responder e em hora mais favorável.
- j) Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento.
- (l) Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis (MARCONI e LAKATOS, 2003, p. 201 e 202).

Nesse sentido, prezando pela segurança e seriedade dos dados obtidos o questionário como instrumento de coleta de dados fora o que melhor atendia ao andamento da pesquisa. Outro fator que influenciou na escolha do instrumento foi justamente, o fato da pesquisa objetivar coletar dados de um número significativo de indivíduos, sendo estes adolescentes e em fase de amadurecimento, o instrumento oferece-lhes mais liberdade para que pudessem falar sobre o assunto, além da garantia do anonimato.

Os questionários, juntamente com os termos de consentimento, foram entregues aos professores para assinatura, e aos alunos para que os pais ou responsáveis autorizassem suas participações na pesquisa, foram entregues aos professores e estudantes na própria escola em que foi realizada a pesquisa. Após o prazo de 15 (quinze) dias, os mesmos foram recolhidos. Ambos os professores devolveram os questionários respondidos juntamente com o Termo de Consentimento; já alguns alunos, não entregaram o Termo de Consentimento, não validando assim seus questionários para pesquisa. O Termo de Consentimento para Gil (2002) supera os problemas quanto à preservação da identidade dos respondentes, que antes se constituía como um problema de alta relevância ética.

4.5 ANÁLISE DE DADOS

Para análise do conteúdo obtido neste estudo foi realizada a exploração de todo o material recolhido, a fim de formar categorias de respostas que permitissem alcançar núcleos de compreensão do texto.

O processo de análise dos dados envolve diversas ações como: reunião das respostas, tabulação dos dados e contagens estatísticas e interpretação dos dados, que consiste, necessariamente, em estabelecer a ligação entre os resultados obtidos com outros já conhecidos, quer sejam resultados de teorias quer de estudos realizados anteriormente (GIL, 2002).

Nessa perspectiva, após o levantamento dos dados, os resultados foram organizados sistematicamente em categorias para melhor visualização e compreensão das informações, atrelado a isso foram construídos quadros e tabelas, que objetivaram demonstrar a coleta das informações obtidas através dos questionários.

As tabelas são consideradas sistemáticas, pois classificam os materiais da pesquisa. Entende-se por ser um bom auxiliar na apresentação dos dados, tendo em vista que facilita ao leitor a rápida compreensão e interpretação dos resultados sistematizados. Já os gráficos são as figuras que servem para a representação dos dados. Estes, utilizados com habilidade, podem evidenciar aspectos visuais dos dados de forma clara e de simples compreensão (MARCONI e LAKATOS, 2003).

Decididos sobre os instrumentos utilizados para a confecção da análise dos dados, seguiu-se para a estrutura da análise, dos aspectos que seriam desenvolvidos na discussão dos resultados. Nesse sentido, os aspectos tratados na análise dos dados buscam dar conta dos objetivos específicos apresentados na introdução desta monografia e para sua apresentação ao longo do texto, foi identificado por meio dos itens: (a) Caracterização da escola e perfil dos sujeitos; (b) Tratamento do tema pelo livro didático; (c) Concepções de sexualidade; (d) Interesses e dúvidas dos alunos sobre o tema; (e) Conteúdos abordados nas aulas; (f) O professor frente ao tema.

Os temas envolvidos na discussão dos resultados foram analisados com base nas respostas dos alunos e dos professores, de maneira isolada em alguns temas e de forma associada em outros.

5 SEXUALIDADE NO ENSINO DE CIÊNCIAS E O QUE DIZEM PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O TEMA

Depois de feitas as teorizações sobre os conceitos centrais envolvidos na pesquisa apresentamos, nesta parte do trabalho os resultados das análises dos dados coletados com ênfase nos seguintes aspectos: o perfil da instituição de ensino e dos sujeitos da pesquisa (professores e alunos); o trabalho dos professores através de atividades relacionadas ao tema; a análise do livro didático utilizado pela instituição para a disciplina de ciências do 8º ano do Ensino Fundamental II; e a aprendizagem e as dúvidas dos alunos sobre sexualidade.

Os aspectos tratados buscam dar conta dos objetivos específicos apresentados na introdução desta monografia e para sua apresentação ao longo do texto, será identificado por meio dos seguintes itens: (a) caracterização da escola e perfil dos sujeitos; (b) Tratamento do tema pelo livro didático; (c) Concepções de professores e alunos sobre sexualidade; (d) Interesses e dúvidas dos alunos sobre o tema; (e) Conteúdos abordados nas aulas; (f) O professor frente ao tema;

É válido ressaltar que cada um dos temas discutidos no estudo foi analisado tomando por base as respostas dos professores e alunos, às vezes isoladamente, outras de forma integrada.

Para a realização da pesquisa foram utilizados dois questionários semiestruturados específicos, um para os professores responsáveis por ministrar aulas de ciências para as turmas do 8º ano e outro para as alunas e alunos, contendo questões de múltipla escolha e questões subjetivas. O questionário destinado aos profissionais docentes contemplou questões referentes à trajetória profissional do professor, seguido de questões sobre abordagens utilizadas na sala de aula para tratar a temática sexualidade. Ambos os questionários contemplaram o tema sexualidade e sobre os conteúdos da temática sexualidade que despertam mais interesse dos alunos.

Para a discussão dos resultados, identificamos os sujeitos da seguinte forma: SAM (Sujeito Aluno Masculino) e SAF (Sujeito Aluno Feminino). Esses sujeitos da pesquisa foram numerados em função do intervalo da faixa etária. Exemplo: SAM1; SAM2; SAM3; SAF1; SAF2; SAF3. Os professores foram identificados como SPF (Sujeito Professor Feminino) e SPM (Sujeito Professor Masculino).

Torna-se válido destacar que as respostas dos alunos foram categorizadas de modos distintos, devido às perguntas serem de caráter objetivo e subjetivo. Nesse sentido, alguns dados referentes às respostas dos alunos são apresentados através de gráficos, tabelas, figuras - perguntas objetivas; as respostas das perguntas de caráter subjetivo seguiram o padrão de exposição das principais respostas, ou seja, aquelas que mais se repetiram ou assemelharam no contexto, pois houve muitas devolutivas em branco e respostas bastante infrequentes, sendo assim, com base nas respostas mais frequentes seguiu-se com a discussão das mesmas.

A seguir apresentamos as análises realizadas com base nos resultados encontrados.

5.1 PERFIL DA INSTITUIÇÃO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O trabalho foi desenvolvido em uma escola pública de administração municipal, localizada no centro da cidade de São Felipe – BA. Atualmente a escola possui 19 turmas, atendendo aproximadamente 650 alunos nos três turnos. No diurno é ofertado do 6º ao 9º ano, enquanto que no noturno são turmas regulares (7º e 9º ano) e turmas do Segmento II da Educação de Jovens e Adultos.

A partir da análise do Projeto Político Pedagógico da Escola, é percebido que a mesma atua com "projetos complementares", no entanto, não especifica quais são esses projetos. A escola, contudo, expressa interesse com relação ao processo de ensino-aprendizagem e uma preocupação no que se refere à participação da família e da comunidade no ambiente escolar, bem como o respeito à individualidade e diversidades dos alunos.

Em seu PPP (2016) a instituição afirma que busca oportunizar aos alunos a liberdade de expressão como forma de garantir, aos mesmos, autonomia com responsabilidade e comprometimento. Para isso, são realizadas na escola palestras com profissionais especializados em temas relevantes para o processo educacional, bem como peças teatrais, feira de cultura, gincana, declamação de poemas, dança, entre outras, contribuindo para o enriquecimento da cultura.

A escola conta com a colaboração de 20 professores, que atuam nas áreas que contemplam a matriz curricular dos segmentos de ensino citados acima. Os professores possuem formação em sua maioria na área de pedagogia e letras

vernáculos, outros graduados em história e matemática, os demais não apresentaram formação.

A cidade de São Felipe - BA localiza-se na Região do Recôncavo Baiano. Atualmente, as escolas atuam desde a creche, educação infantil, até as séries finais do Ensino Fundamental. O município de São Felipe-BA tem ganhado destaque na Bahia justamente por ter apresentado recentemente dados elevados no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), alcançando 4,21 para os anos finais do Ensino Fundamental, ultrapassando a meta que era de 3,8 para o município nesta modalidade¹.

Com relação aos sujeitos que participaram da pesquisa, no universo de 60 (sessenta) alunos contatados inicialmente, foi obtido o retorno de pouco mais da metade deles, pois alguns se recusaram a participar e os demais não devolveram os termos de autorização encaminhados para assinatura dos pais ou responsáveis. Dessa maneira, a pesquisa foi feita com 37 (trinta e sete) alunos e alunas de duas turmas do 8º ano do Ensino Fundamental II, do turno matutino.

A escolha do 8º ano se deu, por ser o ano em que se trata sobre o tema sexualidade de acordo com o conteúdo programático presente na matriz curricular da disciplina de ciências. Já a escolha do turno se deu em função de sugestão dos próprios dirigentes da escola sob a alegação de ser o turno com maior número de alunos matriculados na referida série com representatividade mais equilibrada entre alunos da zona rural e da zona urbana, além de possuírem uma faixa etária mais adequada à pesquisa e, ainda segundo os dirigentes, esse ser um turno em que a pesquisa encontraria maior receptividade.

Com relação à amostra pesquisada, encontramos que 62% dos alunos são moradores da zona rural e 38% da zona urbana. Encontram-se na faixa etária entre 12 e 17 anos, sendo 59% do sexo feminino e 41% do sexo masculino, conforme especificado na Tabela 01

¹ Dados retirados do site:

<http://www.qedu.org.br/cidade/4337saofelipe/ideb?dependence=3&grade=2&edition=2015>

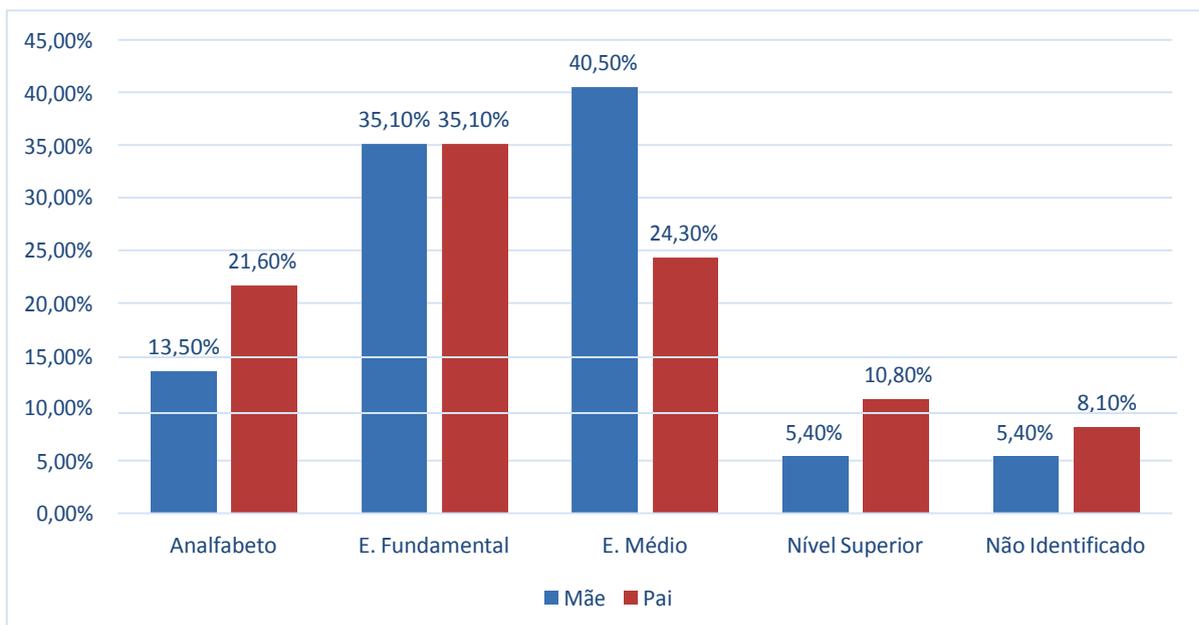
Tabela 1: Faixa etária e sexo dos alunos

Faixa etária	Meninas		Meninos		Não informado		Total	
12 a 14 anos	17	46%	10	27%	-	-	27	73%
15 a 17 anos	1	3%	5	13%	1	3%	7	19%
Não informado	1	3%	-	-	2	5%	3	8%
Total	19	52%	15	40%	3	8%	37	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação à faixa etária dos alunos e alunas é importante observar que ao definirmos as duas faixas indicadas na tabela 01, a intenção foi demarcar um intervalo que, para nós, poderá vir a ser importante para a análise posterior das respostas sobre concepções de sexualidade e interesses sobre assuntos pertinentes a esse tema. Nesse sentido, consideramos que o período entre 12 a 14 anos, geralmente, significa a fase inicial da adolescência com características bem específicas; já no período seguinte, entre 15 e 17 anos, a fase inicial e suas preocupações já foram superadas, surgindo agora outros tipos de interesses e motivações com relação à sexualidade.

Ainda com relação ao perfil da amostra, no que se refere ao nível de escolaridade dos pais dos alunos participantes, os dados encontrados foram demonstrados no gráfico 01.

Gráfico 01: Escolaridade dos pais.

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme os dados apresentados no Gráfico 01 é perceptível que o nível médio teve a maior representatividade entre as mães, 40,5%, enquanto referente aos pais o nível de analfabetismo superou as mães com 21,6% do total. Esses resultados acompanham estudos mais recentes que vêm sendo desenvolvido por outros pesquisadores que demonstram que as mulheres, ao longo dos últimos anos, apresentaram níveis mais elevados de escolarização. Nessa direção, aponta (BRUSCHINI e LOMBARDI, 2002, p. 186) que "(...) a escolaridade feminina ultrapassa a masculina a partir do 2º grau, as jovens concluem os cursos técnicos e profissionais, assim como o ensino médio, em maior número do que os rapazes".

Ainda sobre essa diferença, Giddens (2012), ao discutir sobre o tema da divisão social e educação e ao enfatizar, nessa discussão, aspectos voltados às relações entre gênero e escolarização, tomando como referência dados de países como Estados Unidos e Inglaterra, afirma que:

Desde o começo da década de 1990, as meninas começaram a superar os garotos em todas as áreas disciplinares (incluindo ciências e matemática) e em todos os níveis do sistema educacional britânico [...] Situações semelhantes foram observadas nos Estados Unidos e em outros países (GIDDENS, 2012, p. 605).

No tocante ao nível de informação que possuem os alunos sobre a temática da sexualidade, chamou a atenção o fato de, as respostas mais categóricas em afirmar que possuem bom nível de informações sobre sexualidade, serem aquelas dos alunos, cujos pais de modo geral, possuem maiores níveis de escolaridade.

Dessa forma é possível supor que adolescentes, filhos de pais com maiores níveis de escolaridade possuem acesso a diálogos intra familiares sobre a temática da sexualidade, existindo possivelmente nestas famílias menos preconceitos e tabus em torno da temática referida.

Outros sujeitos que participaram da pesquisa foram uma professora e um professor que atuam na instituição com a disciplina de ciências. Com idade média de 37 anos, ambos possuem formação acadêmica superior sendo que o SPF1 possui graduação em pedagogia e pós-graduado em psicopedagogia, ciência e artes, e o SPM2 possui Licenciatura em Química Ambos atuam como professores há 15 anos, sendo que a média de anos que lecionam a disciplina de ciências é de 6 anos.

Além disso, foi ainda questionado aos professores participantes da pesquisa o que conhecem sobre os PCNs para o ensino de ciência.

Para mim o PCN de Ciências tem o objetivo de auxiliar o professor em seu planejamento, dando possibilidades de informações mais coerentes e objetivas. (SPF).
Conheço razoavelmente, já dei uma pesquisada e utilizei algumas orientações. (SPM)

Ainda, buscando traçar o perfil dos professores a pesquisa buscou saber se os PCNs provocaram mudanças na prática pedagógica dos professores e de maneira geral, responderam que sim, porque já seguiram alguma orientação prevista. Com base nos relatos dos professores percebe-se que em teoria as informações sobre como deve acontecer à prática pedagógica no ensino de ciências chega até os professores, mesmo aquele que não possui formação acadêmica específica.

Passaremos, a seguir, a discutir um aspecto importante para a compreensão do trabalho realizado na escola pelos professores de ciência com relação ao tema da sexualidade que é a discussão sobre a forma como o livro didático trata o assunto. Se considerarmos que o livro didático é uma das referências principais para o trabalho do professor na escola, fica claro o porquê da nossa preocupação em trazer essa discussão nesse momento.

5.2 O TEMA DA SEXUALIDADE NO LIVRO DIDÁTICO

Há um consenso generalizado no ambiente educacional de que o currículo escolar deve se aproximar da realidade dos alunos, tendo em vista que a escola como socialização secundária tem como uma das suas principais atribuições à preparação para vida. Nesse sentido, entende-se que os conteúdos utilizados na execução das aulas, palestras etc. devem ter relação direta com as vivências dos alunos, do mesmo modo que o livro didático também deve contemplar esses requisitos.

No caso do campo de pesquisa que escolhemos para estudo, o livro didático adotado pela escola para o ensino de ciências é o Projeto Teláris: Ciências nosso corpo. De modo geral, o livro apresenta, na distribuição dos seus conteúdos, temas relacionados à anatomia humana e temas relacionados à sexualidade, todos.

contemplados na Unidade 4. A sexualidade aparece no Capítulo 16 - O sistema genital; Capítulo 17 - Evitando a gravidez; Capítulos 18 - Doenças sexualmente transmissíveis e Capítulo 19 - As bases da hereditariedade, no tópico seis "Menino ou menina?". Conforme demonstra figura a seguir.

Figura 1: Forma como aparece o tema da sexualidade no livro didático

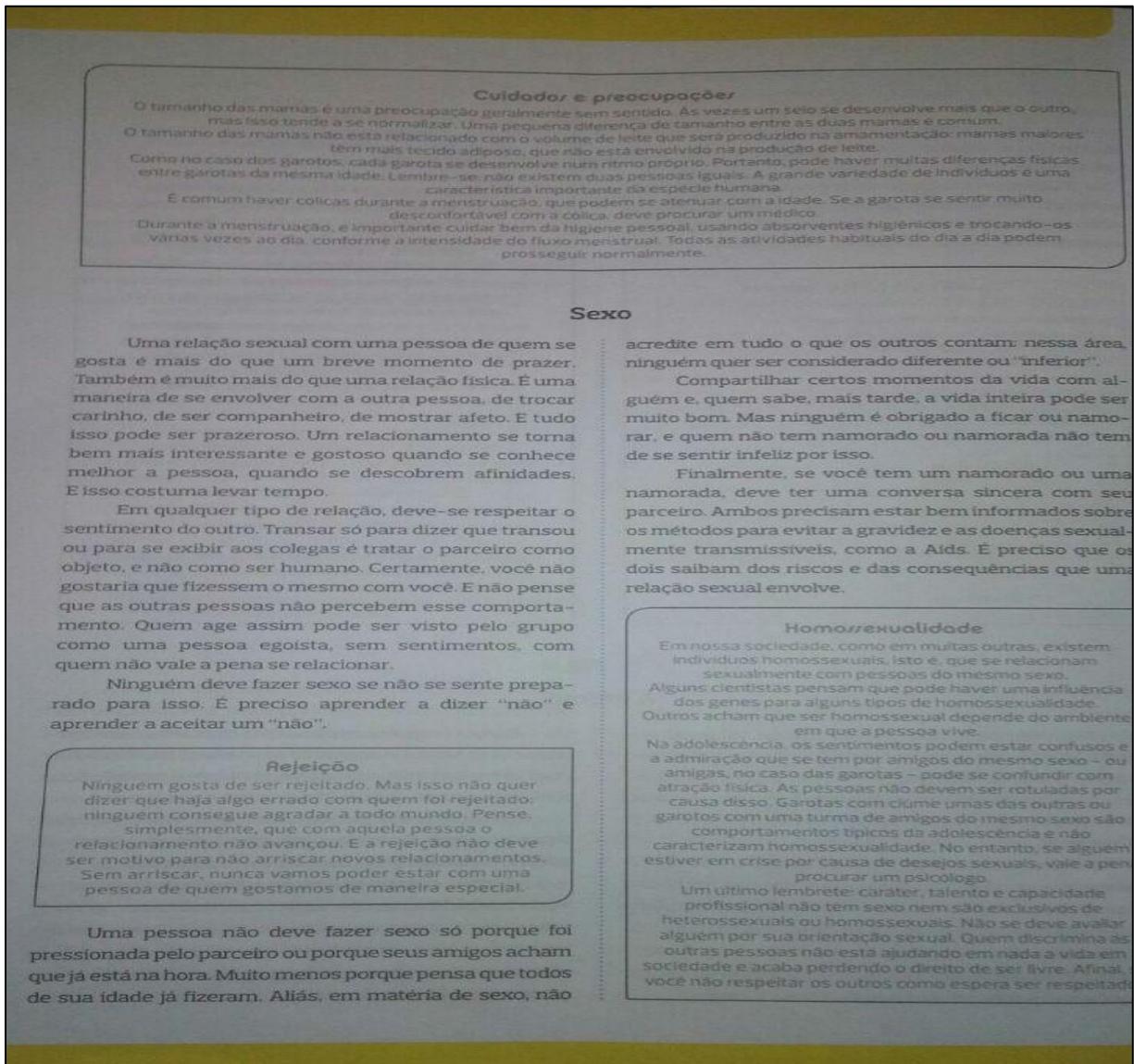


Fonte: Projeto Teláris – Ciências nosso corpo, 8ºano Sumário. Unidade 4 - Sexo e reprodução.

Os capítulos contemplam textos que ajudam a possibilitar melhor entendimento sobre os conteúdos abordados, da mesma maneira que divide e direciona o texto para determinado gênero. No capítulo "O sistema genital", há um texto intitulado "*Homem: cuidados e problemas*", que oferece um conteúdo que tem o objetivo de fazer os homens atentar-se para possíveis problemas com ereção, enquanto que no mesmo capítulo há outro texto complementar "*Mulher: a relação sexual e alguns cuidados*", que tem como objetivo orientar as meninas sobre cuidados com o corpo, além de demonstrar algumas particularidades da anatomia feminina.

Outros temas relacionados à sexualidade são praticamente inexistentes no conteúdo dos capítulos. O tema homossexualidade aparece apenas uma vez em um boxe praticamente isolado, como se fosse uma nota, como demonstra a figura 02.

Figura 02: O tema homossexualidade apresentado pelo livro didático



Fonte: Projeto Teláris – Ciências nosso corpo, 8ºano pg. 258. Inserida no capítulo —Doenças sexualmente transmissíveis

Percebe-se, contudo, uma deficiência do livro didático no que diz respeito aos temas relacionados à sexualidade que não sejam aqueles pautados em anatomia do corpo humano, formação e funcionamento desse sistema anatômico, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Outros temas como homossexualidade,

identidade sexual, os gêneros além dos propostos binários: masculino e feminino, etc., não são explorados nos conteúdos.

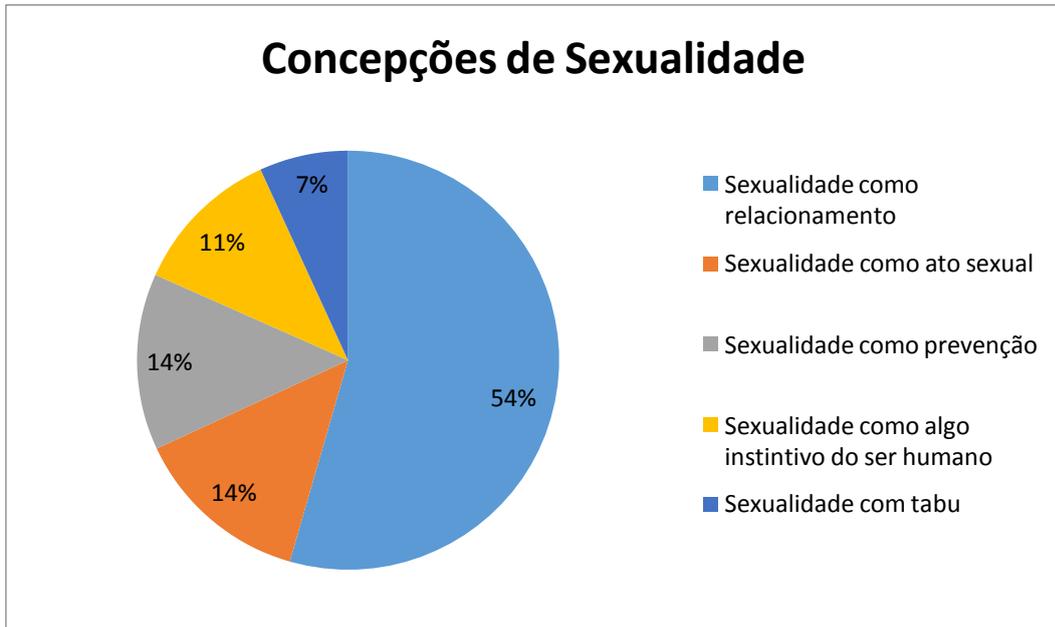
Embora os Parâmetros Curriculares Nacionais de Ciências entenda o livro didático não como principal referência e instrumento de ensino, mas sim como um instrumento auxiliar, não se pode anular a tendência que o professor pode adotar em seguir apenas com os conteúdos abordados nos livros. Dessa maneira, muitas vezes é direcionada ao professor a responsabilidade de selecionar textos que estejam situados no contexto histórico e social dos alunos, como forma de complementar e colaborar para o processo de ensino-aprendizagem, como orienta os PCNs.

5.3 CONCEPÇÕES DE SEXUALIDADE

Para discutir sobre as concepções de sexualidade na perspectiva dos alunos, formulamos a seguinte questão Complete: sexualidade para mim é: Algumas das respostas mais frequentes foram:

Normal e instintivo, pois todo ser humano passa por isso (SAF2);
 Fundamental para a vida" (SAF4);
 Vida (SAM1);
 Muito importante porque a gente constrói uma família (SAM5);
 Romance (SA);
 Relação sexual (SAF11);
 Amor (SAM4);
 Fazer sexo e se prevenir com camisinha (SAM8).

As respostas encontradas foram agrupadas em cinco categorias conforme descritas a seguir: Sexualidade como relacionamento (afeto, amor, vida); Sexualidade como ato sexual; Sexualidade como prevenção/informação; Sexualidade como algo instintivo do ser humano e Sexualidade como tabu, conforme demonstra o gráfico 2.

Gráfico 2: Concepções de sexualidade

Fonte: Dados da pesquisa.

Pode-se observar que para a maioria dos alunos, ou seja, 54%, o tema sexualidade tem relação direta com o relacionamento a dois, pois vincula sexualidade com as relações de afeto, amor, carinho e vida.

Entendendo a sexualidade como algo indissociável da existência humana, Louro (2000, p. 4) aponta que "[...] a sexualidade não é apenas uma questão pessoal, mas é social e política. E segundo o autor a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos". Ou seja, a sexualidade não faz parte unicamente do indivíduo, não tem relação apenas com ato sexual ou um relacionamento afetivo, mas algo que engloba diversos outros aspectos que possuem dimensões sociais, políticas e também individuais.

Embora as relações afetivas/amorosas sejam algo presente na vida das pessoas, bem como o ato sexual, percebe-se, contudo, que as concepções apresentadas pelos alunos não se referem a outros aspectos importantes também relacionados ao tema e que envolvem as dimensões físicas, mentais e sociais do indivíduo. Este fato que pode acontecer devido à falta de conhecimento e discussões de forma abrangente sobre a temática no ambiente escolar.

Em seguida, como segundo conjunto de concepções que mais aparece, encontramos duas indicações, ambas com 14% do total das respostas. Um primeiro

conjunto relaciona o tema sexualidade com o ato sexual (sexo, como costumam definir); e um segundo conjunto relaciona sexualidade com a aprendizagem sobre prevenção e informações para futuros cuidados com a sexualidade. Respostas que indicam, no primeiro caso, uma relação direta entre sexualidade e sexo e, no segundo, uma relação indireta ao referir-se à necessidade de prevenção com relação à sexualidade o que pressupõe que há uma referência indireta da prevenção com o ato sexual. Nesse caso, poderíamos considerar que a vinculação entre sexualidade e ato sexual se amplia para 28%.

Em quarto lugar, identificamos um agrupamento de respostas dadas pelos alunos em que se destaca uma concepção de sexualidade como algo instintivo do ser humano, algo que na concepção dos estudantes, tem relação direta com a vida e a existência humana, portanto, faz parte do indivíduo, que correspondeu a 11% das respostas.

Por último, aparece com 7% das respostas um conjunto de concepções que puderam ser enquadradas no grupo que define sexualidade como tabu. Nesse caso, as respostas giraram em torno de expressões tais como medo e vergonha.

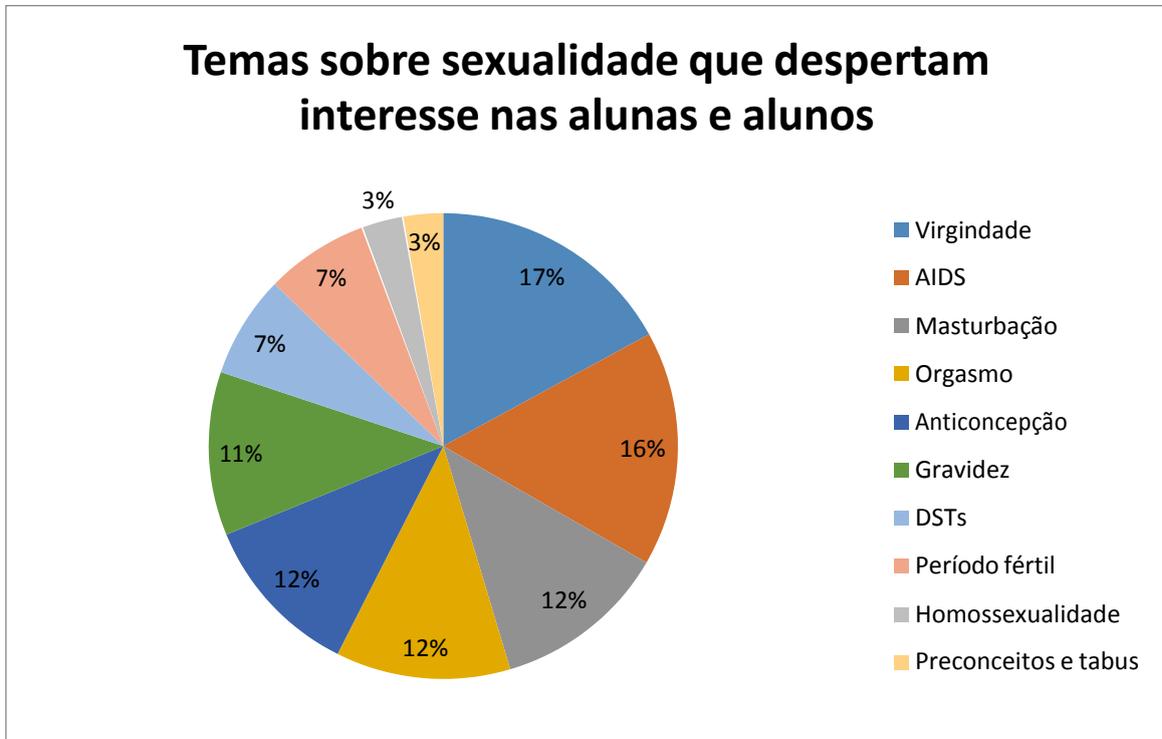
Nessa perspectiva, podemos perceber que de alguma forma, e de maneira parcial, as concepções dos alunos se aproximam de aspectos referenciados nos Parâmetros Curriculares Nacionais a respeito da sexualidade humana, que a considera como uma expressão que envolve fatores biológicos, culturais, sociais e de prazer com significado muito mais amplo e variado do que a reprodução (BRASIL, 1998).

Para os sujeitos pesquisados na amostra nos parece que a concepção de sexualidade está ancorada principalmente na relação a dois, nas relações de afeto, o que indica a necessidade de ampliar as discussões sobre o tema entre os alunos, dando margem a reflexões que considerem as dimensões sociais da sexualidade e não apenas as dimensões individuais como parece ser a ênfase dada pelos alunos em suas respostas.

5.4 PRINCIPAIS INTERESSES E DÚVIDAS DOS ALUNOS SOBRE SEXUALIDADE

Com o objetivo de saber dos alunos quais são os seus principais interesses quanto ao tema sexualidade, os que mais despertam interesse nos alunos são representados no gráfico abaixo.

Gráfico 3: Temas sobre sexualidade que despertam interesse nas alunas e alunos.



Fonte: Dados da pesquisa.

O tema virgindade ocupa o primeiro lugar no ranking dos interesses dos estudantes com 17%. Este tema aparece em maior número entre as meninas que apresentam mais interesse sobre o assunto.

Em segundo lugar vem a AIDS, com 16% da preferência. Nesse caso, meninas e meninos apresentaram o mesmo nível de interesse sobre a questão. Já os temas anticoncepção, masturbação e orgasmo ficaram com 12% das preferências. Nesse caso, a maioria dos meninos interessa-se por orgasmo e masturbação, enquanto o tema anticoncepção é de maior interesse para o público feminino.

Uma possível leitura a partir dos dados acima, em que em maior número as meninas se interessam sobre o tema virgindade e anticoncepção e já os meninos com masturbação e orgasmo, é que esse interesse pode ter relação direta com as delimitações que são impostas pela sociedade no que se refere à diferença da educação que é dirigida às meninas e aos meninos quando o tema é relação sexual e afetiva, interferindo na construção das identidades de gênero. Como exemplo,

temos que para as meninas a virgindade, o cuidado com o corpo feminino e a prevenção para que não engravide na adolescência é algo valorizado pela sociedade, enquanto que para os meninos, a virilidade masculina é mais valorizada, mesmo que a iniciação sexual aconteça precocemente.

Esses dados nos guia para outra discussão importante que se refere às diferenças de gênero que são socialmente construídas, seja por fatores biológicos ou meramente sociais. (LOURO, 2013, p. 21) "Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica," a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender – e *justificar* - a desigualdade social". Desigualdade social de gênero que reflete no comportamento de meninas e meninos de maneira diferenciada, não associada apenas a aspectos da sexualidade e personalidade de cada um, mas de imposições sociais e midiáticas presentes na vida desses adolescentes.

Nas respostas dos professores, estes apontaram um conjunto de temas que despertam maior interesse dos alunos, destacando-se, em primeiro lugar o tema sobre o período fértil. Após este vêm os temas anticoncepção, DSTs, gravidez e orgasmo, informações que diferem das respostas fornecidas pelos alunos. Enquanto, os alunos demonstram interesse por assuntos da temática sexualidade no que, diz respeito à sua vivência social, os professores parecem estar mesmo apegados aos conteúdos biológicos trazidos pelo livro didático. As respostas dos dois professores no que se refere aos temas que despertam interesse nos alunos foram semelhantes ou as mesmas.

Percebe-se, contudo, que questões como homossexualidade, preconceitos e tabus, não foram referidas pelos professores e muito pouco pelos alunos. Isso chama nossa atenção, na medida em que nas universidades esses são temas bastante discutidos e problematizados quando se refere à sexualidade, promovendo uma maior abrangência ao tratamento da temática. Na educação básica, no entanto, é deixado um pouco de lado, pois ao abordarem sobre sexualidade fala-se mais sobre sistema reprodutor, DSTs, anticoncepção, assuntos que estão mais presentes nas rodas de conversas dos adolescentes estudantes e fazem parte das suas dúvidas sobre o tema.

Apesar da demanda pelos trabalhos na área da sexualidade nas escolas ter aumentado devido à preocupação dos educadores com o crescimento da gravidez indesejada entre as adolescentes e com o risco da contaminação pelo HIV entre os

jovens, principalmente a partir da década de 1980, ainda se percebe que os assuntos não são debatidos como deveria, pois, de acordo com Ministério da Educação (MEC), as manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias. No entanto, ignorar, ocultar ou reprimir são as respostas mais habituais dadas pelos profissionais da escola. Essas práticas se baseiam, muitas vezes, na ideia de que o tema deva ser tratado excepcionalmente pela família (BRASIL, 94/014).

Ainda com relação às principais dúvidas, quando questionamos os alunos e alunas sobre se eles se consideram pessoas bem informadas sobre o tema sexualidade, encontramos os seguintes resultados.

Figura 3: Informação sobre sexualidade



Fonte: Dados da pesquisa.

A figura 3 representa a opinião dos alunos sobre o seu nível de informação referente à sexualidade. Quanto a esses aspectos, 32% dos alunos que responderam o questionário indicaram que se consideram pessoas bem informadas quando o assunto é sexualidade; 11% afirmaram não serem bem informados e a maioria, 57% do total afirmou ter muitas dúvidas sobre o tema.

Entre os 57% que alegaram ter muitas dúvidas, a maior parte é composta pelo público feminino, com 76% do total. Há, contudo, uma diferença bastante notável entre o nível de informação apontado dentre meninos e meninas, claro que

condicionados pela forma de criação, mídia e sociedade. Nesse sentido, os meninos tendem a afirmar que sabem tudo sobre sexualidade, pois existe a imposição de que o homem deve saber de tudo quando o assunto é sexo". Além disso, a timidez e a falta de espaço para que possam dialogar sobre o tema podem levá-los a não descreverem o que sabem e principalmente, o que não sabem.

Quando solicitamos que os alunos registrassem suas dúvidas. As respostas mais frequentes entre aqueles que afirmaram terem dúvidas foram:

"Sobre a AIDS" (SAM8, SAM4, SAM6);
 "Como será a primeira vez?" (SAF3);
 "A pílula do dia seguinte funciona sempre?" (SAF2);
 "Que facilidade a mulher tem de engravidar?" (SAF6);
 "Quais outros meios de transmitir doenças além por sexualidade?" (SAF7);
 "Perder a virgindade dói?" (SAF8);
 "Se fizer sexo perto da menstruação corre o risco de gravidez?" (SAF11).

Quando abordada a questão "*dúvidas sobre sexualidade*" com os meninos, suas respostas se restringiram a afirmar que não possuíam dúvidas ou alguns registros sobre AIDS e/ou DSTs. Holanda (2006) aponta que grande parte do conhecimento a respeito da prevenção da AIDS é proveniente da televisão e consiste em um conhecimento superficial, o que nos leva a supor que a forma como o tema é tratado pela mídia não consegue sensibilizar o público sobre o risco de inúmeras doenças sexualmente transmissíveis e de adoção de um comportamento sexual seguro. Enquanto que Louro (2000) afirma que a AIDS tornou-se mais do que uma série de doenças, ela se tornou também uma poderosa metáfora para nossas culturas sexuais. Supõe-se que a ideia de ser infectado pelo vírus da AIDS, é o que geralmente desperta receio e preocupação nos meninos.

Entre as meninas as dúvidas giram em torno de temas como: virgindade, gravidez, anticoncepção e AIDS, justamente aqueles que são mais cobrados das meninas, direcionando em grande parte a elas a responsabilidade de prevenção para que possam evitar doenças sexualmente transmissíveis e uma gravidez indesejada. Nesse sentido, Louro (1997) defende a importância de nos darmos conta de que as preocupações e a vigilância quando à sexualidade não se restringem unicamente às meninas, do mesmo modo que não apenas aos meninos, mas a todas as pessoas que convivem com a escola.

Dessa forma, a partir destas perguntas das alunas, percebe-se certa deficiência no nível de informação das meninas, o que é um risco, pois são temas tabus pouco discutidos em casa, principalmente pelo preconceito dos pais que consideram que as meninas ainda não chegaram à idade adequada para falar sobre o assunto ou que se falassem seria uma possível indução ao ato sexual ou, ainda, por não se considerarem preparados e bem informados para conversar com suas filhas sobre o assunto. Como relata Holanda et. al. (2006):

As famílias deveriam utilizar mais o diálogo como uma forma de aconselhamento na educação de seus filhos adolescentes para a prevenção, porém esbarram em barreiras como: preconceitos, tabus, vergonha, despreocupação dos jovens com o risco pessoal, falta de tempo e de informação suficiente dos pais... (HOLANDA et. al., 2006, p. 28)

Ao considerar a opinião dos professores quando questionados sobre se os alunos participam das aulas colocando suas dúvidas com relação ao tema sexualidade e de que forma eles o fazem, pode-se perceber que os professores não expressaram suas opiniões de forma objetiva, informando o seguinte:

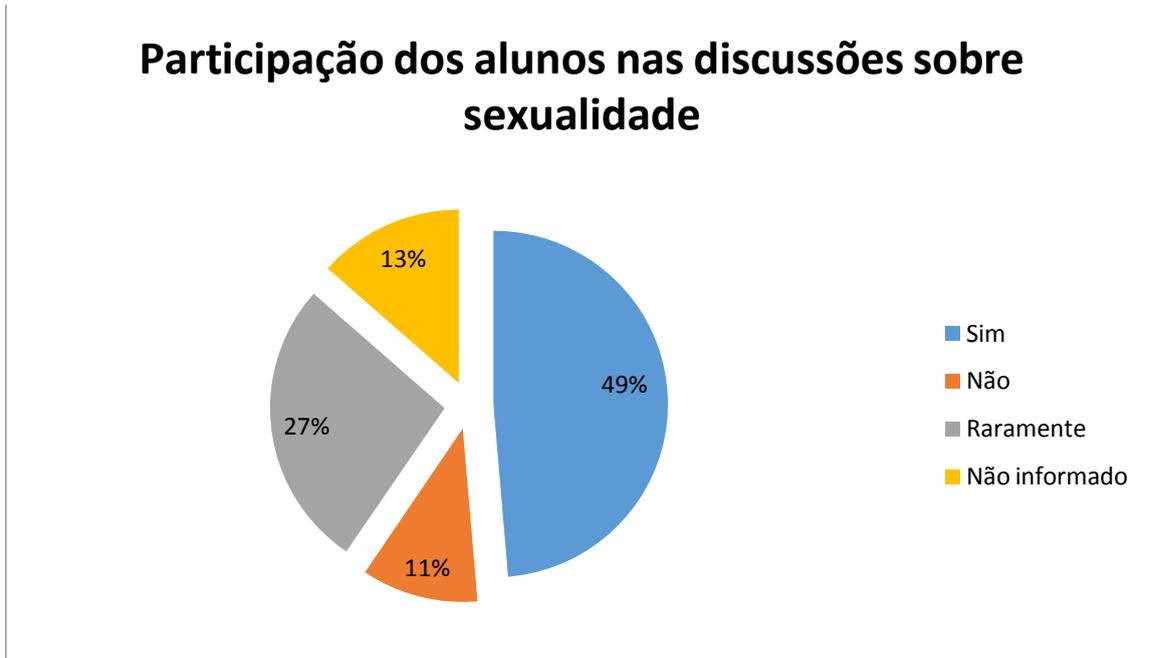
"Sim, sempre questionando aquilo que lhe é desconhecido." (SPF);
"Eles fazem perguntas a respeito de assuntos de sua curiosidade e histórias contadas de amigos." (SPM).

As informações dos professores não deixam claro quais as dúvidas mais frequentes dos alunos. É possível destacar que não há uma definição por parte dos alunos (de acordo com as respostas dos professores) sobre quais são suas principais dúvidas, percebe-se, no entanto, segundo os professores que eles demonstram curiosidades sobre histórias narradas por outras pessoas e o que lhe é desconhecido. Enquanto os alunos foram claros em suas concepções e dúvidas sobre sexualidade, os professores, no entanto, não delinearam ao certo sobre as dúvidas que os alunos realmente possuem, também não especificaram como os meninos e as meninas relatavam suas dúvidas e quais dúvidas e/ou interesse eram próprios de cada gênero. Esse achado da pesquisa lança dúvidas sobre como e se, efetivamente, os professores estão tratando sobre esses temas nas aulas de ciências.

Sendo assim, apesar dos professores não serem claros com relação às dúvidas dos alunos, ao questionarmos os alunos se "*o professor de ciências quando trata de temas sobre sexualidade permite a você a oportunidade de se expressar,*

fazer perguntas e tirar suas dúvidas referente à sexualidade", 49% demonstraram ter oportunidade de sanar suas dúvidas diante dos professores, conforme explícito no gráfico 4.

Gráfico 4: Participação dos alunos nas discussões sobre sexualidade



Fonte: Dados da pesquisa.

Tendo como base a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais que considera a participação dos alunos nas aulas/discussões um elemento de grande valor para a aprendizagem, é importante atentarmos para os dados acima. Assim, embora 49% do grupo dos alunos afirmem que essa participação acontece de maneira efetiva, considera-se preocupante o número de alunos que afirmaram não ter essa abertura para participar nas aulas ou que estas acontecem raramente.

Contudo, é possível concluir que embora o tema sexualidade esteja cotidianamente presente na vida dos adolescentes, muitos ainda se sentem envergonhados em falar sobre a temática, ou não são tão explícitos quando resolvem falar sobre (conforme interpretação das falas dos professores).

Nesse contexto, Carvalho (2009), ao questionar a ideia de que na escola as abordagens sobre sexualidade ficam sobre o encargo dos territórios do ensino de Ciências e que os professores dessas disciplinas acabam sendo reconhecidos como os agentes responsáveis pelo debate e compreensão desta esfera da vida humana, nos faz refletir se estas abordagens têm sido ou não eficazes. Para tanto, torna-se

relevante o conhecimento acerca dos conteúdos abordados pelos professores, quando o assunto é sexualidade, conforme pretende discutir o item a seguir.

5.5 CONTEÚDOS ABORDADOS

Quando consideramos os interesses e dúvidas dos alunos e alunas sobre o tema sexualidade, pudemos perceber que são muitas as dúvidas geradas diante do assunto o que destaca ainda mais a importância do papel da escola para a abordagem do tema.

Nessa direção, com o intuito de descobrir com qual constância o tema é abordado na escola, foi direcionada aos alunos a seguinte questão: "*Com que frequência a temática sexualidade é abordada na escola?*". Os dados coletados foram reproduzidos no gráfico abaixo.

Gráfico 5: Frequência em que a temática sexualidade é abordada na escola.



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir do gráfico 5 percebe-se que 16% dos alunos afirmaram que o tema sexualidade sempre é abordado na escola, no entanto, o que mais nos atrai a atenção é o fato de 14% dos meninos e meninas terem afirmado que o tema nunca fora abordado na escola e os 70% que afirmaram que o tema é abordado raramente. Essas respostas vão de encontro às recomendações sobre a necessidade de se pôr em prática discussões que permeiam o tema sexualidade, de maneira que as estratégias utilizadas pela escola possa alcançar todos os envolvidos.

Continuando com a pesquisa e com o objetivo de entender quais são os assuntos sobre sexualidade abordados na escola, foi solicitado aos professores que escolhessem dentre os temas listados no questionário (DSTs, período fértil, virgindade, masturbação, AIDS, orgasmo, anticoncepção, gravidez, homossexualidade, preconceito e tabus) e assinalassem aqueles que eram discutidos por eles em sala de aula. Os temas DSTs, período fértil, AIDS, anticoncepção, gravidez foram assinalados por ambos os professores, enquanto que o tema homossexualidade foi listado pelo professor e os temas orgasmo, preconceitos e tabus pela professora.

Questionados sobre a razão pela qual os demais assuntos não haviam sido assinalados, as respostas foram:

"Na verdade, muitas das vezes os assuntos não estão inserido nos conteúdos e como o tema é trabalhado sempre na 4ª unidade, o tempo nunca sobra para abordagens mais profundas." (SPF);
 "Sinto um pouco de desconforto ao falar com determinados alunos." (SPM).

Enquanto SPF relata que não aprofunda-se na temática sexualidade em suas aulas, devido ao curto período de tempo disponível, SPM admite sentir-se em desconforto para tratar da temática sexualidade com os alunos, mediante as falas dos professores podemos supor que a questão do sexo divergente de ambos pode ser relativamente um fator que contribui para uma disposição ou não em discutir sexualidade em suas múltiplas vertentes com os alunos.

Ainda é possível supor que a questão da formação acadêmica SPF possui formação em biologia, enquanto SPM é licenciado em química, talvez haja nesta questão acadêmica, explicação para a ocorrência de tal desconforto do professor em tratar da temática sexualidade com os alunos.

Essa limitação em tratar apenas sobre alguns temas da sexualidade no ambiente escolar pode ter relação com a perspectiva apresentada por Silvestre (2012) ao demonstrar que muitas vezes as resistências dos alunos em discutir sexualidade, devido aos valores que recebem em casa, podem influenciar na não discussão do tema em sala de aula e também na escola. Outros aspectos possíveis de serem analisados a partir das respostas dos professores referem-se ao tratamento do tema sobre sexualidade, mediante apenas a partir dos conteúdos previstos no livro didático. Nesse sentido, Holanda et. al. (2010) aponta:

A abordagem de temas que envolvem a sexualidade humana, diferentemente dos conteúdos dos livros, requer do professor sensibilidade, habilidade, constante aprendizado e atualização. Fatores como o despreparo e a insegurança para abordar a temática e os preconceitos e tabus presentes nos pais e professores são geradores de barreiras para a realização de estratégias que garantam a formação da sexualidade sadia e a promoção da saúde dos adolescentes (HOLANDA et. al., 2010, p.707).

Como forma de entender a maneira como os assuntos listados pelos professores são abordados em sala, foi direcionado aos alunos a questão "*Informe como assuntos sobre a sexualidade são abordados na escola*". Algumas das respostas foram:

"Normalmente é explicado pela professora de ciências, mas não fala sobre tudo que eu gostaria de saber." (SAF27);
 "Nas aulas de ciências: sobre camisinha, como devemos nos prevenir, etc." (SAF26);
 "Nenhuma." (SAF21);
 "Não sei porque só vou ter aula de sexualidade na 4ª unidade." (SAF16).

Essas respostas intensificam a ideia de que é responsabilidade unicamente do professor de ciências abordarem sobre as questões referentes à sexualidade. A sexualidade ao ser entendida não apenas como um tema que aborda os aparelhos reprodutores feminino e masculino - numa perspectiva de caráter biológico e preventivo - mas também como um tema que deve ser abordado por profissionais da área de educação, sem determinação de disciplinas específicas. Com base nas respostas dos alunos, estas leva-nos a compreender o contrário.

Embora tenham sido representadas por apenas alguns alunos, estas foram os sentidos da maioria das respostas, além dos que deixaram o campo em branco. Outras respostas diferentes destas foram:

"São abordados com delicadeza, para que eu e meus colegas possamos entender." (SAF1);
 A professora explica várias coisas sobre sexualidade. Abrimos os livros, lemos textos que falam sobre isso. (SAF34);
 "Sobre pênis, vagina, usar camisinha para se prevenir." (SAM8);
 "Sempre que tem algum evento ou alguma apresentação." (SAM5).

Outro aspecto importante que também foi observado se refere ao número de alunos que listaram os temas DSTs e anticoncepção, quando questionados sobre os conteúdos abordados pela escola. Observa-se que embora a pergunta os tenha

direcionado a responder sobre a forma de abordagem do tema, as respostas apontaram também os conteúdos que são abordados pela escola ao que se refere à temática. Os conteúdos, contudo, apresentam uma abordagem diretamente relacionada ao que trata a maioria dos livros didáticos. Com relação a essas questões (LOURO. 2000, p. 90) atesta:

[...] os livros didáticos têm suas limitações e problemas e não garantem uma revolução nas práticas de Educação Sexual. Sabe-se que mesmo o texto mais radical e contestador pode ser "domesticado" e pode perder sua força dependendo da forma como é tratado. Por outro lado, é óbvio que recursos de ensino não são os únicos integrantes das práticas discursivas numa sala de aula, eles não são responsáveis exclusivos por toda a dinâmica que ali acontece (embora sejam importantes). É o que envolve a prática do professor diretamente com o envolvimento do aluno sobre o tema, pois professoras/es e estudantes carregam de sentido aquilo que leem, o que dizem, ouvem ou fazem. [...] é preciso questionar sempre não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e os sentidos que os/as nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.

Contudo, percebe-se que mesmo esses assuntos mais comuns entre os adolescentes, são pouco discutidos em sala de aula e ainda são feitas abordagens superficiais com pouca ou nenhuma relação com os aspectos culturais e sociais que também envolvem o tema. Todavia, é importante esclarecer que esta pesquisa foi feita no início do segundo semestre letivo de 2016, e seguindo o roteiro do livro didático, os professores deixaram para tratar do tema no final do mesmo semestre, na quarta unidade.

5.6 O PROFESSOR FRENTE AO TEMA

A utilização de estratégias metodológicas, juntamente com os recursos didáticos, são fontes importantes no processo de ensino-aprendizagem, pois permitem uma aproximação entre aluno e professor, de maneira que possibilita e favorece a aprendizagem independente do tema abordado. Para buscar compreender como essas estratégias são utilizadas ao tratar do tema da sexualidade foi feita a seguinte pergunta aos professores: "*Que estratégias metodológicas você utiliza em suas aulas de ciências para abordar a temática sexualidade?*" As respostas foram:

"Sabemos que é justamente nesse período da adolescência que caracteriza-se várias mudanças no corpo e isso acarreta uma série de implicações, tanto emocional, familiar e social. Portanto, procuro trabalhar o assunto de forma onde não haja dúvidas de informações." (SPF);

"Utilizo o diálogo, textos, ilustração e rodas de conversas." (SPM).

Ao analisar essas respostas pode-se afirmar que as formas escolhidas pelos professores para abordar o tema sexualidade na sala de aula superam a abordagem restrita sobre sexualidade que fora criticada pelos PCNs, ao afirmar que:

Praticamente todas as escolas trabalham o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações ou noções relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Essa abordagem normalmente não abarca as ansiedades e curiosidades das crianças, nem o interesse dos adolescentes, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui a dimensão da sexualidade (BRASIL, 1998, p. 292).

A decisão do SPF1 em trabalhar o assunto de maneira que possibilite que as dúvidas dos alunos sejam todas sanadas, pois entende que o período da adolescência além de se caracterizar por várias mudanças no corpo físico, envolvem também mudanças que alcançam o ambiente familiar, social e também emocional, pode ser considerado um avanço para o meio educacional, tendo em vista, que são poucas as instituições e professores que tratam do tema com tamanha sensibilidade. Do mesmo modo que a escolha do professor em trabalhar o assunto utilizando de diálogos, textos, ilustrações e rodas de conversas é bastante relevante, pois são estratégias metodológicas que surtem efeitos positivos na aprendizagem, justamente pela leveza que estas podem impor nos momentos das abordagens sobre o tema.

No entanto, vale destacar que a fala do SPF1 releva certa contradição, tendo em vista que grande parte dos alunos apresentaram, através das suas respostas, que ainda não compreendem a temática da sexualidade de maneira integral e/ou satisfatória, pelo contrário, foram relatadas muitas dúvidas e incertezas referente ao tema sexualidade.

Entendendo que a abordagem sobre quaisquer assuntos deve ter como objetivo principal a aprendizagem e que os alunos são sujeitos importantes nesse processo, é relevante e necessário que seja percebido através dos seus olhares, quais seriam as melhores formas de abordagem sobre a temática na escola, do

mesmo modo que torna-se importante que os professores ao tratarem da temática, anulem-se de suas crenças, valores e opiniões, buscando principalmente atender o objetivo da aprendizagem e a compreensão do aluno acerca da temática sexualidade, da maneira mais abrangente possível, incluindo também o estudo relacionado ao contexto sociocultural do indivíduo.

Nesse sentido, o Ministério da Educação considera que o professor é capaz de transmitir valores com relação à sexualidade no seu trabalho na escola, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. Torna-se necessário então que o professor tenha formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, de modo que possibilite a construção de uma postura profissional consciente no trato desse tema. Portanto, é importante que os valores do próprio professor não ultrapassem os valores dos alunos como forma de imposição, mas sim que haja discernimento para que estes valores não sejam passados como doutrinadores.

Sabe-se, contudo, que não é possível anular as crenças e valores do professor no tratamento das questões ligadas à sexualidade, mas ter consciência sobre quais são os valores, crenças, opiniões e sentimentos que cultivam em relação à sexualidade é elemento importante para que o professor possa desenvolver uma postura ética na atuação junto dos alunos e alunas. Para tanto, o trabalho coletivo da administração escolar é um importante agente, ao definir os princípios educativos, que nortearão o professor nessa tarefa. (BRASIL, 94/014)

Buscando contribuir para a compreensão desse aspecto da pesquisa, foi perguntado aos alunos: "*Como você gostaria que a temática sexualidade fosse abordada na escola?*" Dentre as principais respostas estão:

"Com mais frequência no meio escolar." (SAF36);

"Eu gostaria de palestra." (SAM11);

"Com aulas próprias para o assunto e palestras com a exibição da camisinha." (SAF8);

"Com frequência." (SAM2).

Com base nas respostas apresentadas, é possível analisar que a falta de frequência quanto à abordagem do tema sexualidade é apontada pelos alunos indicado que a temática sexualidade na escola tem sido abordada de maneira inconstante, portanto não atendendo satisfatoriamente a demanda de interesses e dúvidas dos alunos.

Os alunos informaram que seria importante que houvesse palestras com profissionais da área de saúde sobre o assunto, este que é um fato que nos chama atenção nas respostas, pois ao perceber que o tema deve ser abarcado por profissionais que estão além da escola, os alunos demonstram uma receptividade para tratar do assunto com profissionais de outras áreas. Isto nos remete ao que propõe os Parâmetros Curriculares Nacionais ao destacar que o ensino, ao sugerir a abordagem sobre sexualidade como tema transversal, deve ser responsabilidade de todos os professores e também da administração da escola, principalmente no sentido de abranger o tema com eventos complementares, como palestras, seminários, etc..

Embora seja evidente que as aulas de ciências e a escola precisam envolver todos os assuntos relacionados à sexualidade, analisando estes resultados fica claro que a temática sexualidade não é ministrada da maneira como deveria ser, ou seja, em uma perspectiva que envolva todo o corpo de profissionais que atuam na escola.

Cabe, por fim, ressaltar a importância da abrangência da temática para a formação do indivíduo como cidadão e seres autônomos, de modo que os favoreça nas construções das suas opiniões, como aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) ao descrever que a prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal, coletiva e ambiental, colabora com o compromisso com a construção da cidadania.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos acerca da temática sexualidade servem como instrumentos basilares para discussão do tema no ambiente escolar. Contudo, conclui-se ao término deste estudo, que lacunas ainda precisam ser preenchidas no que se refere à discussão da temática sexualidade, evidenciando a necessidade de elaborar mais reflexões sobre o tema, tendo em vista sua complexidade, necessidade de atenção e investigação sobre o mesmo.

A partir do que foi apresentado ao longo do estudo realizado, considera-se que os objetivos propostos foram alcançados, tendo em vista, especialmente os relatos dos professores e alunos apresentados e analisados no capítulo cinco que se refere aos resultados e análises dos dados coletados.

Com relação ao objetivo específico, que pretendeu "traçar o perfil profissional do professor de ciência", buscou-se, inicialmente levantar dados relevantes sobre os profissionais e por meio destes dados informados pelos docentes que ministram aulas de ciências, foi possível identificar quem é esse profissional e qual são suas formações acadêmicas.

O segundo objetivo intencionou "verificar como são abordados os assuntos relacionados à sexualidade pelo professor de ciências". Assim, foi possível verificar questões relacionadas às práticas docentes ao tratamento do tema da sexualidade no ensino de ciência. Nesse sentido, observou-se ainda, por meio da pesquisa, que os temas abordados sobre sexualidade pelo professor de ciências são basicamente relacionados aos conteúdos previstos nos livros didáticos, além de ser observado um desconforto por parte dos professores ao tratar desses temas em sala de aula, de modo que foi possível inferir tal desconforto aos tabus que a temática ainda carrega.

No que se refere ao terceiro objetivo específico, "apreender as percepções dos estudantes sobre o tratamento dado ao tema da sexualidade na sala de aula", foi possível perceber as concepções dos estudantes sobre a abordagem relacionada ao tema da sexualidade em sala de aula à medida que foram apresentados tópicos que se referem às concepções de sexualidade na perspectiva dos alunos, suas dúvidas e expectativas alusivas ao tema.

Frente ao exposto, pode-se concluir por meio desta pesquisa, conduzida a partir da problemática que deu origem ao trabalho, a saber: O tratamento dado à

temática da sexualidade na disciplina de ciências, no ambiente escolar, responde aos interesses e dúvidas dos alunos? Que na escola investigada, o ensino de ciências ainda é marcado por uma perspectiva que reduz a temática da sexualidade as questões que tradicionalmente são tratadas no livro didático voltadas para temas tais como: aparelho reprodutor, gravidez e DSTs.

Em função dessa constatação, é importante destacar que não só o ensino de ciências, mas principalmente a escola como um todo, em suas abordagens metodológicas/pedagógicas, necessitam ser reformulados para atender às demandas dos alunos quanto às suas dúvidas e incertezas sobre a sexualidade, de modo que as discussões sobre esse tema ultrapassem as questões meramente biológicas, preventivas, higiênicas etc., compreendendo as diversas extensões que a sexualidade alcança e possibilitando que as dúvidas e interesses dos alunos sejam respondidos.

No desenvolvimento da pesquisa, observou-se um distanciamento significativo entre teoria e prática. As teorias dos autores apresentados, sobre a temática da sexualidade, bem como as indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e do Ministério da Educação, revelam os conceitos sobre sexualidade de maneira abrangente, de modo que contempla todas as extensões que envolvem o tema. Os PCNs, ainda que específicos com relação às definições da temática, são também claros ao demonstrar as orientações necessárias para tratar do tema no ambiente escolar, de modo que o mesmo possa ser trabalhado tanto com relação ao ensino específico de ciências, como também pelas escolas, fazendo seus gestores, corpo pedagógico, administrativo e demais funcionários compreenderem sobre a temática, colaborando conseqüentemente para a inserção do assunto, de maneira mais natural, no cotidiano dos alunos.

No que se refere à prática da abordagem sobre sexualidade, percebeu-se, por meio da pesquisa de campo, o distanciamento entre as abordagens teóricas atualizadas e aquelas relacionadas às práticas vivenciadas pelos alunos. Foi possível verificar que parte significativa dos alunos tem conhecimento restrito sobre o tema, do mesmo modo que foi percebido, em suas respostas, muitas curiosidades, dúvidas e interesses sobre a temática sexualidade que não são respondidos ou enfrentados pela escola.

A partir do exposto, percebe-se a relevância em estudar a sexualidade no ambiente escolar, na medida em que, essa discussão pode contribuir para a

mobilização dos professores para educar sexualmente os jovens de maneira significativa e capaz de abranger as múltiplas vertentes da temática sexualidade, contribuindo para o processo de conhecimento e desenvolvimento de sua sexualidade. Dessa forma, é importante que as escolas passem a compreender a sexualidade como uma temática que envolve questões que vão além do corpo humano simplesmente biológico, mas também que se relaciona com outras áreas do saber como a psicologia, história, sociologia, entre outras, além de ter envolvimento com questões morais, religiosas, midiáticas, presentes na sociedade, que alcança assim o universo sociocultural do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. Orientação sexual em uma escola: recortes de corpos e de gênero. **Rev. Cadernos Pagu** v. 12. n. 21, 2003.

ALTMANN, H. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (dout.) Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1827/1/tese.pdf>>. Acesso em 13 de setembro de 2016.

BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. **Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:qL9uy5veJMJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em 13 de setembro de 2016.

BEAVOUIR, S. **O segundo sexo 1: fatos e mitos**. 4ª ed. Difusão europeia do livro, São Paulo, 1970.

BELO, M. S. P. Educação Sexual em meio escolar: perspectivas dos professores. **Mestrado Integrado em Psicologia** (Secção de Psicologia da Educação e da Orientação). Lisboa, 2012.

BRASIL. MEC. **Orientação Sexual**. BRA 95/014. Disponível: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2016.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ciências. Quarto ciclo. Ensino Fundamental. Brasília. 1998.

BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M. R. Instruídas e trabalhadeiras: trabalho feminino no final do século XX. In: **Cadernos pagu** (17/18) 2001/02: pp.157-196. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n17-18/n17a07.pdf>. Acesso em 08 de novembro de 2016.

CACHAPUZ, A. et. al. **A necessária renovação do ensino de ciências**. 3ª ed. Cortez. São Paulo, 2011.

CAMPOS, M. C. NIGRO R. G. **Didática de Ciências**: ensino aprendizagem como investigação. 1ª ed. FTD. São Paulo. 1999.

CARVALHO, F. A. Que saberes sobre sexualidade são esses que não dizemos dentro da escola? In: **Educação Sexual: em busca de mudanças**. UEL. Londrina, 2009.

CARVALHO, A. M. P. **Formação de professores de ciências: Tendências e Inovações**. 10ª ed. Cortez. São Paulo, 2011.

CONSENZA, R. M. GUERRA, L. B. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. 1ª ed. Artmed. Porto Alegre, 2011.

DELIZOICOV, D. ANGOTTI, J. A. PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: Fundamentos e Métodos**. 4ª ed. Cortez. São Paulo, 2011.

ESPÍNDULA, D. H. P.; MOURA, A. P. **Abrindo a caixa de pandora: uma análise das questões e dúvidas sobre sexualidade de adolescentes do ensino fundamental**. 2007. Disponível em: <http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/566.%20abrindo%20a%20caixa%20de%20pandora.pdf>. Acesso em 13 de setembro de 2016.

DURAND, S. Accès à la contraception et recours à l'IVG chez les jeunes femmes. In: BAJOS, N.; FERRAND, M. (orgs.) **De la contraception à l'avortement: sociologie des grossesses non prévues**. Paris: Inserm, 2002. p. 249-302

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 1: a vontade do saber**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. (orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, M. OLTRAMARI. L. C. CORD, D. NUERNBERG, A. H. Psicologia Escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade. **Rev. Sem. da Assoc. Bras. de Psicol. Esc. e Edu.** v. 16. n. 2. P.229-236. São Paulo, 2012.

GEWANDSZANAJDER, F. **Projeto Teláris Ciências – Nosso Corpo**. 1. ed. São Paulo: Editora Ática, 2012.

GIDDENS, A. **O mundo na era da globalização**. Tradução de Saul Barata. Editorial Presença. 5. ed. Lisboa, 2005a.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, M. P.. **Identidade de Gênero e Sexualidade**. Estudos de Gênero - Cadernos de Área 9, Goiânia, v. 9, p. 29-46, 2000. Disponível em: 49 http://bibliobase.sermais.pt:8008/BiblioNET/upload/PDF3/01935_identidade_genero_revisado.pdf. Acesso em 14 de novembro de 2015.

HOLANDA, M. L. et. al. Compreensão dos pais sobre exposição dos filhos aos riscos das DST/AIDS. **Rev. Rene**, v 7, n.1, p. 27-34, abr./jun. 2006.

HOLANDA, M. L. et. al. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. **Cogitare Enferm.** 2010 Out/Dez; 15(4): 702-8. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/20371/13540>>. Acesso em 13 de setembro de 2016.

MAIA, A. C. B. et. al. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicol. Estud.** vol.17 n.1 Maringá Jan./Mar. 2012.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica.** 5ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2003.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2014.

LIMA, E; ALMEIDA, G. B. Educação sexual e práticas pedagógicas. **IV Colóquio de História**, p. 723-733, UNICAP, 2010.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª ed. Vozes. Petrópolis, 2013.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. 15ª ed. Vozes. Petrópolis, 2013.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>> Acesso em 14 de agosto de 2016.

LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: **Juventude e Contemporaneidade.** Brasília. UNESCO. MEC. 2007.

MOIZÉS, J. S. BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Rev. Esc. Enferm. USP.** v. 44. n. 1. São Paulo, 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>> Acesso em 14 de agosto de 2016.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola:** alternativas teóricas e práticas. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1997. P. 43-51

PONTES, A. F. **Sexualidade:** vamos conversar sobre isso? Promoção do desenvolvimento psicossocial na adolescência: Implementação e avaliação de um

programa de intervenção em meio escolar. Dissertação (Doutorado em Ciências Mental). 259 fls. Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto. 2005.

PRADO, V. M. **Sexualidade(s) em Cena**: as contribuições dos recursos audiovisuais para a problematização das diferenças no espaço escolar Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual paulista, UNESP. 144 fls. Presidente Prudente, 2010.

QEDU. **São Felipe: IDEB 2015**. Disponível em <
<http://www.qedu.org.br/cidade/4337-sao-felipe/ideb?dependence=3&grade=2&edition=2015>>. Acesso em 01 de novembro de 2016.

COSTA, P. R. R.; SOUZA, D. O. Falando com professoras das séries iniciais do ensino fundamental sobre sexualidade na sala de aula: a presença do discurso biológico. **Enseñanza de las ciencias**, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 67-75, 2003. Disponível em <<http://www.raco.cat/index.php/ensenanza/article/viewFile/21863/21697> >. Acesso em 13 de setembro de 2016.

SAYÃO, R. Os problemas da informação sexual e o papel da escola. In: AQUINO, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. 6ª ed. São Paulo: Summus, 1997. P. 97-105.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, vol. 16, n. 2. Porto Alegre. Jul./dez. 1990.

SILVA, F. J. C. Construções de identidade de gênero na primeira infância: uma análise da produção científica e do rcnei. **37ª Reunião Nacional da ANPED** – 04 a 08 de outubro de 2015, UFSC – Florianópolis.

SILVESTRE, A. A. Sexualidade e educação escolar na prática docente. **IV FIPED**. Campina Grande: Realize, 2012. Disponível em: <
http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/e9a3ad6e42afbd82e98e8fc1391adbe7_2462.pdf>. Acesso em 13 de setembro de 2016.

TALOMANI, A. C. B. Corpo, educação e saúde: percepções de jovens adolescentes. **Cad. hist. ciênc.** v.4 n.1. Jan/jun. São Paulo. 2008.

VIANA, C. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Rev. Pré-posições**. v. 23, n. 2 (68), p. 127-143, Mai/ago. Campinas, 2012.

WHO. **Standards for sexuality education in Europe**: A framework for policy makers, educational and health authorities and specialists. Cologne: Federal Centre for Health Education, 2010. Disponível em <

http://repositorio.ul.pt/jspui/bitstream/10451/6931/1/ulfpie040155_tm.pdf>. Acesso em 14 de agosto de 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A**QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DO PROFESSOR**

Você está fazendo parte da pesquisa intitulada Sexualidade no meio escolar. Ao responder as questões não é necessário se identificar.

Sexo () Idade ()

1 – Qual é a sua formação?

2 – Quanto tempo de magistério?

3 – Quanto tempo exerce a docência na disciplina de Ciência?

4 - O que você conhece sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais PCNs sobre o ensino de ciência?

5 - Na sua opinião, a chegada destes Parâmetros provocou alguma mudança em sua prática pedagógica?

6 - Dentre os conteúdos da 7ª série aparece o Sistema Reprodutor Humano. Você relaciona esse tema com a questão da sexualidade?

() Sempre () As vezes () Nunca

7 - Dentre os assuntos listados abaixo, assinale aqueles que você discute em suas aulas:

- () DSTs
- () Período fértil
- () Virgindade
- () Masturbação

- AIDS
- Orgasmo
- Anticoncepção
- Gravidez
- Homossexualidade
- Preconceitos e tabus

8 – Caso não tenha assinalado algum destes assuntos. Qual o motivo para não discuti-lo nas aulas?

9 - Que estratégias metodológicas você utiliza em suas aulas de ciências para abordar a temática da sexualidade?

10 – De acordo com o assinalado na questão 7 marque: Quais destes assuntos despertam maior interesse dos alunos?

- DSTs
- Período fértil
- Virgindade
- Masturbação
- AIDS
- Orgasmo
- Anticoncepção
- Gravidez
- Homossexualidade
- Preconceitos e tabus

11 - Os alunos participam das aulas colocando suas dúvidas com relação ao tema sexualidade? De que forma?

APÊNDICE B

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DO ALUNO

Você está fazendo parte da pesquisa sobre sexualidade no meio escolar

Ao responder as perguntas não é necessário se identificar.

1 - Idade () Sexo ()

2 - Você reside:

() Zona rural () Zona urbana

3 - Qual é o nível de escolaridade de seus pais?

MÃE

- () Analfabeta
- () Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Nível Superior

PAI

- () Analfabeto
- () Ensino Fundamental
- () Ensino Médio
- () Nível Superior

4 - Você se considera uma pessoa bem informada sobre questões referentes à sexualidade?

() Sim () Não () Tenho muitas dúvidas

5 - Quais são os temas sobre sexualidade que são de maior interesse para você?

- | | |
|----------------------|--------------------------|
| () DSTs | () Período fértil |
| () AIDS | () Orgasmo |
| () Virgindade | () Anticoncepção |
| () Masturbação | () Gravidez |
| () Homossexualidade | () Preconceitos e tabus |

6 - Complete: sexualidade para mim é:

7 - Registre aqui uma dúvida que você possui sobre sexualidade.

8 - Na sua escola quais as aulas que discute sobre temas de sexualidade?

9 - Informe como assuntos sobre sexualidade são abordados na escola:

10 - Há outras formas de informar aos alunos sobre questões referentes à sexualidade na escola?

Sim.

Qual?

Não

11- Como você gostaria que a temática sexualidade fosse abordada na escola?

12 - Com que frequência à temática sexualidade é abordada na

escola? Sempre Nunca Raramente

13 – O professor de ciência quando trata de temas sobre sexualidade permite a você a oportunidade de se expressar, fazer perguntas e tirar dúvidas referentes à sexualidade?

Sim Não Raramente

APÊNDICE C
TERMO DE ANUÊNCIA

São Felipe_____de Julho de 2016

Venho por meio deste, declarar que o representante legal Escola Municipal Presidente Medici avaliou o resumo da pesquisa intitulada: SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: estudo desenvolvido com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe – BA que será realizada pela estudante Manoela de Jesus Pinheiro Ferreira, nesta escola.

A referida aluna encontra-se regularmente matriculada no curso de Licenciatura em Biologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), sob orientação da docente Dra. Rosilda_____. Assim, defiro parecer favorável à liberação do campo para realização do estudo, após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

Atenciosamente,

Diretor da Escola M. Presidente Medici



APÊNDICE D
TERMO DE ASSENTIMENTO



Olá! Você foi convidado para participar de uma pesquisa que se chama:
—SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: estudo desenvolvido com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe - BA—.

Para que você possa participar, seus pais devem ter assinado o documento que autorizada sua participação nessa pesquisa. Mas, mesmo se eles concordarem, você não precisa participar se não quiser e pode desistir a qualquer momento, sem nenhum problema ou prejuízo.

Nós, pesquisadores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), queremos entender como estão sendo abordados os assuntos relacionados temática sexualidade na escola. Esta pesquisa é importante, pois, poderá informar sobre a eventual necessidade do professor preparar aulas mais adequadas para os jovens.

Se você concordar em participar dessa pesquisa, será entregue a você um questionário com mais ou menos 12 perguntas e você terá que respondê-las no final da aula de Ciências. Para responder as questões você demorará uns 10 minutos.

Ao responder as perguntas, talvez você possa sentir vergonha ou ficar com medo de sofrer alguma perseguição dos colegas ou professores. Mas saiba que você tem total liberdade de não responder qualquer questão e se preferir, poderei aplicar o questionário em local e horário mais adequado para você responder as perguntas.

Também é importante deixar claro que você não será identificado e nem daremos a estranhos as informações que você nos der. As únicas pessoas que terão acesso às respostas serão os pesquisadores desse estudo. As folhas de respostas dos questionários ficarão guardadas durante 5 anos, no gabinete da professora responsável por essa pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados em eventos ou revistas específicas sobre educação, para que mais pessoas possam ter acesso e ajudar no entendimento sobre o assunto. Quando terminarmos toda a pesquisa, uma cópia

dos resultados será entregue ao diretor da escola e aos professores. Assim, você e seus pais terão acesso aos resultados, se quiserem. ***Importante lembrar: sempre sem identificar os alunos que participaram da pesquisa!***

Esperamos que os resultados desta pesquisa possibilitem aos professores de alunos adolescentes a elaboração de aulas com atividades mais adequadas e esclarecedoras sobre assuntos relacionados à sexualidade para que os jovens possam sanar dúvidas que possam possuir sobre essa temática.

Caso tenha alguma dúvida, você poderá perguntar para mim, Manoela de Jesus Pinheiro Ferreira ou poderá me mandar um e-mail: manuh.jesus@bol.com.br. Você também pode procurar a pesquisadora responsável pela pesquisa, a professora Rosilda Arruda no telefone (75) 3621-6850 ou por e-mail: rosildaarruda@gmail.com. Se concordar em participar, você deve assinar ou escrever seu nome nas duas vias desse documento, assim você ficará com uma cópia e nós ficaremos com outra.

Ah! Esse estudo foi registrado no Comitê de Ética em pesquisa da UFRB, que fica na Rua Rui Barbosa, 710, Campus Universitário, Centro, Cruz das Almas, Tel.: (75) 3621-3176.

Agradecemos desde já!

Aceito participar da Pesquisa (_____)

Não quero participar da pesquisa (_____)

Cruz das Almas _____ de _____ 2016

Manoela de Jesus P.
Ferreira

Rosilda Arruda Ferreira
(Pesquisadora responsável)

Nome/assinatura do aluno

APÊNDICE E

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Manoela de Jesus Pinheiro Ferreira aluna do curso de Licenciatura em Biologia convido o Senhor(a) a autorizar o seu(a) filho(a) a participar da pesquisa intitulada: “SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: estudo desenvolvido com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe- BA. Sob orientação da Professora Rosilda Arruda Ferreira.

A pesquisa se justifica por promover um discurso sobre os conflitos e as principais dúvidas que os alunos adolescentes podem possuir sobre assuntos relacionados à temática sexualidade. Possui relevância, pois leva a uma reflexão sobre a importância das aulas contemplarem de forma dinâmica e ética a necessidade de informações sobre a referida temática pelos adolescentes. Portanto, os objetivos deste trabalho são: Traçar o perfil profissional do professor de ciência;

Verificar como são abordados os assuntos relacionados à sexualidade pelo professor de ciência;

Apreender as percepções dos estudantes sobre o tratamento dado ao tema da sexualidade na sala de aula.

Seu (a) filho(a) responderá um questionário de mais ou menos 12 questões sobre a temática sexualidade na escola. Informamos que o risco de participar desta pesquisa poderá ser a vergonha e ou o desconforto do seu filho de responder algumas perguntas. Desta maneira caso seu filho(a) não se sinta a vontade poderá se recusar a responder qualquer pergunta(s). Ainda é garantido ao seu filho(a) o direito de desistir de continuar na entrevista a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, prejuízo ou gastos financeiros.

Como benefícios, esperamos que os resultados dessa pesquisa possibilitem aos professores de alunos adolescentes o planejamento de aulas dinâmicas e atrativas para os alunos aprenderem com mais facilidade e sanar dúvidas. Será concedido a seu(a) filho(a) tempo suficiente para que responda as perguntas e caso seja o desejo dele, marcarei local e horário adequado para ele(a) responder as perguntas.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados em eventos ou revistas científicas e também será entregue cópias dos resultados ao diretor da escola aos

professores e ficará na escola disponível aos pais. O material da pesquisa será guardado no gabinete da pesquisadora durante cinco anos.

Asseguramos que o nome do seu(a) filho(a) será mantido em sigilo e todos os dados coletados serão utilizados somente pelos pesquisadores. Queremos esclarecer que a participação se dará voluntariamente e este documento será assinado por nós pesquisadoras e pelo Sr (a), em duas vias (uma para o Sr (a) e uma será guardada pelo pesquisador). Este estudo foi registrado no Comitê de Ética em pesquisa da UFRB, situado na Rua Rui Barbosa, 710, Campus Universitário, Centro, Cruz das Almas, Tel.: (75) 3621-6850. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida durante ou após a entrevista através do endereço abaixo.

Agradecemos desde já!

Cruz das Almas ___ de _____ 2016

Manoela de Jesus P. Ferreira
(Pesquisadora)
E-mail: manuh.jesus@bol.com.br
UFRB-Centro de Ciências Agrárias,
Ambientais e Biológicas (CCAAB)
Rua Rui Barbosa, 710- Centro
Cruz das Almas - Bahia
44.380-000
CEP: 44.380-000

Rosilda
(Pesquisadora)
E-mail: rosildaarruda@gmail.com
UFRB-Centro de Ciências Agrárias,
Ambientais e Biológicas (CCAAB)
Rua Rui Barbosa, 710- Centro
Cruz das Almas - Bahia
44.380-000
CEP: 44.380-000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Manoela de Jesus Pinheiro Ferreira aluna do curso de Licenciatura em Biologia convido o Senhor(a) caro(a) docente a participar da pesquisa intitulada: “SEXUALIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR: estudo desenvolvido com estudantes e professores de uma escola pública do município de São Felipe- BAII. Sob orientação da Professora Rosilda Arruda Ferreira.

A pesquisa se justifica por promover um discurso sobre os conflitos e as principais dúvidas que os alunos adolescentes podem possuir sobre assuntos relacionados à temática sexualidade. Possui relevância, pois leva a uma reflexão sobre a importância das aulas contemplarem de forma dinâmica e ética a necessidade de informações sobre a referida temática pelos adolescentes. Portanto, os objetivos deste trabalho são: Traçar o perfil profissional do professor de ciência;

Verificar como são abordados os assuntos relacionados à sexualidade pelo professor de ciência;

Apreender as percepções dos estudantes sobre o tratamento dado ao tema da sexualidade na sala de aula.

O Senhor(a) responderá um questionário de mais ou menos 12 questões sobre a temática sexualidade na escola. Informamos que o risco de participar desta pesquisa poderá ser algum desconforto de responder algumas perguntas. Desta maneira caso não se sinta a vontade poderá se recusar a responder qualquer pergunta(s). Ainda é garantido o direito de desistir de continuar na entrevista a qualquer momento, sem nenhuma penalidade, prejuízo ou gastos financeiros.

Como benefícios, esperamos que os resultados dessa pesquisa possibilitem aos professores de alunos adolescentes o planejamento de aulas dinâmicas e atrativas para os alunos aprenderem com mais facilidade e sanar dúvidas. Será concedido tempo suficiente para que responda as perguntas e caso seja o desejo dele, marcarei local e horário adequado para ele(a) responder as perguntas.

Os resultados dessa pesquisa serão publicados em eventos ou revistas científicas e também será entregue cópias dos resultados ao diretor da escola aos professores e ficará na escola disponível aos pais. O material da pesquisa será guardado no gabinete da pesquisadora durante cinco anos.

Asseguramos que o seu nome será mantido em sigilo e todos os dados coletados serão utilizados somente pelos pesquisadores. Queremos esclarecer que a participação se dará voluntariamente e este documento será assinado por nós pesquisadoras e pelo Sr (a), em duas vias (uma para o Sr (a) e uma será guardada pelo pesquisador). Este estudo foi registrado no Comitê de Ética em pesquisa da UFRB, situado na Rua Rui Barbosa, 710, Campus Universitário, Centro, Cruz das Almas, Tel.: (75) 3621-6850. Qualquer dúvida poderá ser esclarecida durante ou após a entrevista através do endereço abaixo.

Agradecemos desde já!

Cruz das Almas ___ de _____ 2016

Manoela de Jesus P. Ferreira
 (Pesquisadora)
 E-mail: manuh.jesus@bol.com.br
 UFRB-Centro de Ciências Agrárias,
 Ambientais e Biológicas (CCAAB)
 Rua Rui Barbosa, 710- Centro
 Cruz das Almas - Bahia
 44.380-000
 CEP: 44.380-000

Rosilda
 (Pesquisadora)
 E-mail: rosildaarruda@gmail.com
 UFRB-Centro de Ciências Agrárias,
 Ambientais e Biológicas (CCAAB)
 Rua Rui Barbosa, 710- Centro
 Cruz das Almas - Bahia
 44.380-000
 CEP: 44.380-00